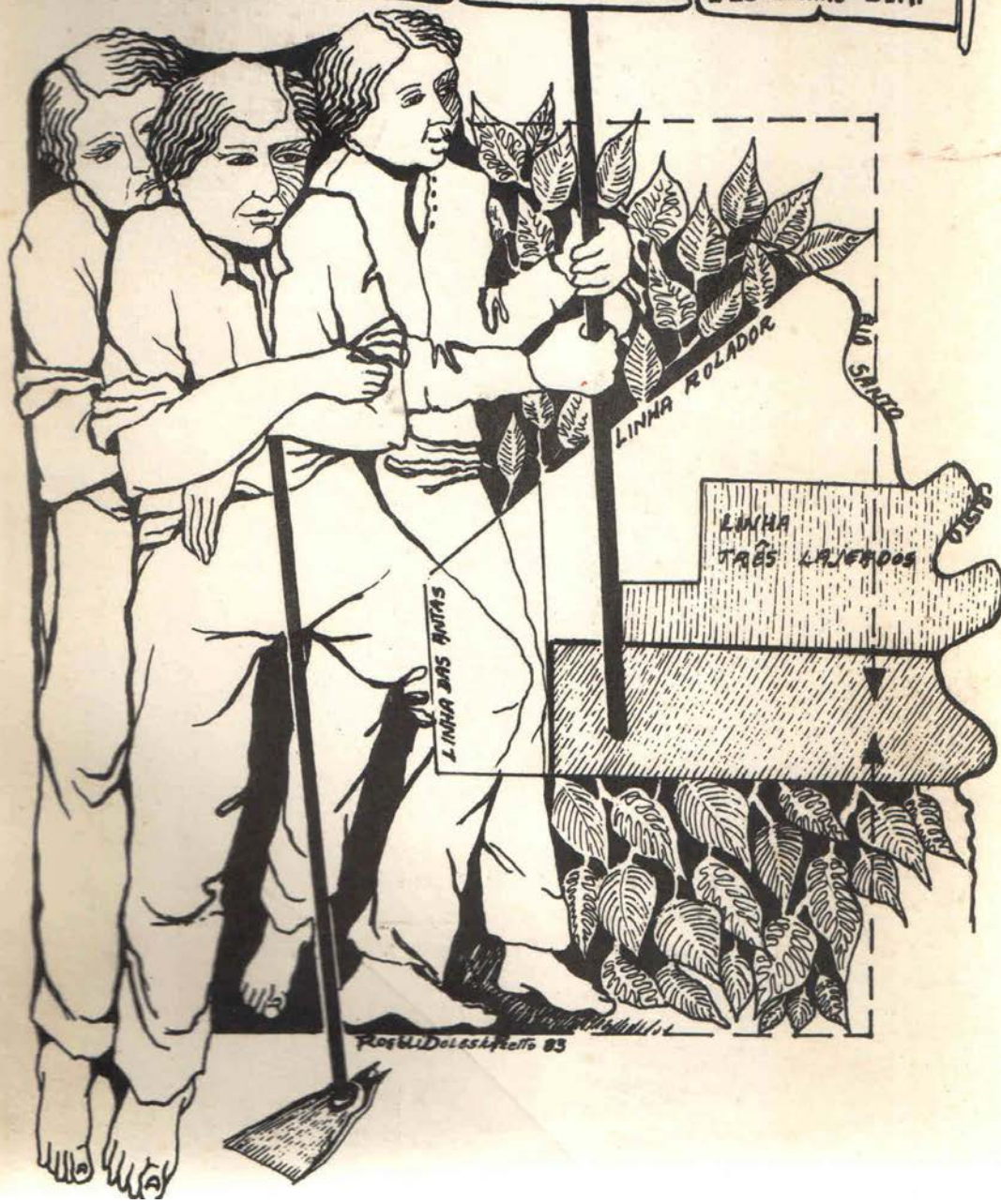


LINHA DIVISA

AGOSTINHO BOTH



Agostinho Both

LINHA DIVISA constitui-se numa percepção histórica de uma pequena comunidade de origem alemã. O resgate da identidade de um povo se faz também de contribuições não pretenciosas, como esse trabalho. Agostinho Both é professor de Psicologia da Universidade de Passo Fundo e acredita que, pondo a descoberto a memória de peças vitais do passado, poderá se devolver a própria dignidade às pessoas que descobrem seu processo histórico.

Agostinho Both

LINHA DIVISA

passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Linha divisa, História. -Passo Fundo: Editora UPF, N/D. 72 pg.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR);

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa: Roseli Doleski Pretto

B749I Both, Agostinho

Linha divisa [recurso eletrônico] / Agostinho Both.
– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.
1,3 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-316-6
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Migração – Alemanha. 2. Imigrantes – Rio Grande do Sul. 3. Colonização. 4. Alemães – História – Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

HOMENAGEM

Meu Pai: Júlio

Minha Mãe: Genoveva (in memoriam)

AGRADECIMENTO

Nada acontece isoladamente. Também esta pequena narração histórica teve a presença de pessoas que se entrelaçaram para que ela pudesse acontecer. Ainda a melhor forma de dizer o quanto foram generosas e importantes é o agradecimento. Vera Estrázulas teve o cuidado em sua plenitude nas mãos quando burilou o trabalho, pontuando logicamente as idéias e dando forma a várias expressões. Ao Bento, o irmão que foi incansável na busca de dados significativos dizer obrigado é pouco. As informações colhidas de Afonso Holz, João Knorst e Jacô Holz foram preciosas. Theobaldo e Rosa Holz mesmo cedo, antes do sol nascer, emprestaram, com atenção, suas memórias. Josefina Poersch dedicou um par de horas mexendo no passado. Quem teve profunda participação na reconstituição de fatos e aprimoramento de outros foi a Sra. Ana Teichmann e seu filho que durante uma manhã toda ligaram os faróis no passado, iluminando o que estava encoberto e clareando o que estava a descoberto. A participação de toda a comunidade foi importante na informação dos dados necessários.

Sumário

I — ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ	13
1.1 — DAS DIFICULDADES.....	16
1.1.1 — Em questão de viagem e chegada.....	16
1.1.2 — Em questão de Religião.....	19
1.1.3 — Em questão de educação	20
1.1.4 — Em questão da política da terra.....	22
1.2 — DAS ALEGRIAS.....	25
1.3 — DOS USOS E COSTUMES	29
II - LINHA DIVISA	32
2.1 - CHEGANDO EM LINHA DIVISA	32
2.2 — O PEQUENO LUGAR.....	35
III — DE LINHA DIVISA PARA SEUS FILHOS MENORES	69
3.1 — NA CABEÇA DAS CRIANÇAS, HABITAVAM MISTÉRIOS	69
3.2 — DOS BONS E MAUS SOFRIMENTOS.....	79
3.3 — DAS PEQUENAS ÀS GRANDES ALEGRIAS	91
3.4 — DE ALGUNS GAROTOS QUE PARTIAM COM MISSÃO ESPECIAL	114
BIBLIOGRAFIA.....	118

APRESENTAÇÃO

No século passado, o desenvolvimento capitalista em países como a Alemanha e a Itália provocou a ruína de milhares de camponeses e artesãos devido ao processo de concentração da propriedade do solo e ao surgimento da indústria manufatureira. Grandes contingentes de camponeses e artesãos ficam assim sem terra e sem trabalho. Além disso, tinha crescido a lavoura de cereais fora da Europa Centro-Occidental: os trigais, por exemplo, se expandiram nos EUA, na Ucrânia, na Argentina e no Canadá, concorrendo com a pequena lavoura europeia. Os progressos nos transportes, além de encurtar as distâncias, baixavam o preço dos fretes. Os progressos tecnológicos intensificavam cada vez mais a mecanização das lavouras e das fábricas, aumentando progressivamente o número de desempregados e despossuídos.

A presença destes camponeses e artesãos sem terra e sem trabalho tomava-se incômoda: geravam tensões sociais e políticas ao pressionarem as estruturas internas de seus países. A solução para este problema, sem alterar as estruturas sócio-econômicas, foi a emigração, ou seja, o deslocamento destas pessoas para outras áreas. Aliás, estamos assistindo a processo semelhante em nossa região, o episódio da Encruzilhada Natalino é o exemplo mais conhecido e comentado. Trata-se, aqui também, de colonos expulsos da terra pela concentração da propriedade e pela mecanização. Até o momento, procura-se resolver o problema também sem alterar a estrutura fundiária e a política agrícola, mas através do deslocamento destes colonos para outras regiões do país. De certa forma, não deixa de ser mais uma das cruéis ironias da história o fato de que o

Rio Grande do Sul que antes dava oportunidade à famílias sem terra e sem trabalho, esteja, hoje, expulsando-os.

Dessa maneira, milhões de europeus (60 milhões de 1840 a 1940) foram embarcados com destino a outros continentes, principalmente para a América. Embora o livro do Agostinho trate de um aspecto da colonização alemã, vale lembrar aqui, já que não dispomos de outro exemplo, o rancor de muitos europeus que foram “expulsos” de suas pátrias expresso nesta canção que os italianos entoavam nos vapores que os levavam para terras desconhecidas (neste caso, o Brasil):

— *“Noi, italiani lavoratori,
Allegr andaimo nel Brasile
E voi altri, d’Itália signori
Lavoratello ill vostro badile
Se volete mangiare.”*

(Nós italianos, trabalhadores/ Andamos alegres no Brasil/ E vós outros senhores da Itália/ Trabalhai com a pá/ (Pegai na enxada) Se quereis comer.

Por outro lado, aqui no Brasil havia o interesse, por parte do governo, de promover a vinda de imigrantes europeus. Basicamente, por dois motivos: obter mão-de-obra para a grande lavoura e ocupar, através de uma colonização de povoamento, zonas distantes e desocupadas, além de estimular a produção de gêneros para o mercado interno já que a grande lavoura se dedicava quase que, exclusivamente, ao mercado externo. A imigração no Rio Grande do Sul se insere no segundo caso: os imigrantes que para cá vieram, foram atraídos

por uma política governamental que pretendia formar colônias de povoamento em áreas não propícias à monocultura de exportação ou à pecuária. Mais ainda, o caráter de zona fronteira disputada do Rio Grande do Sul tornou a colonização de povoamento, baseada na pequena propriedade, a solução adequada para a ocupação deste território, solução esta que ainda não havia sido alcançada com a imigração espontânea e com a pecuária.

É nesse quadro mais amplo que encontramos as raízes históricas de Linha Divisa. Outras comunidades, outros colonos, anonimamente, construíram histórias semelhantes, com muito sofrimento, trabalho, dedicação e capacidade de renúncia. Neste trabalho, o Agostinho resgata do anonimato e do esquecimento históricos a luta dos colonos de Linha Divisa para criar uma comunidade onde tudo estava por ser construído quando aí chegaram. Obviamente, e o autor tem consciência disto, a presente obra não pretende ser um estudo do processo colonizador, mas sim um registro da memória histórica de uma pequena comunidade. Mesmo desconsiderando outros méritos, este registro histórico feito pelo Agostinho é de grande valor não só para aqueles que, direta ou indiretamente, tenham ligações com a comunidade de Linha Divisa ou outras semelhantes, mas como documentação que poderá ser utilizada em futuras pesquisas.

Num estilo claro e agradável, o autor aborda questões importantes para a compreensão do processo de colonização realizado pelos imigrantes europeus e seus descendentes. É o caso, por exemplo, do papel da Igreja (aqui a Católica) acompanhando, organizando, disciplinando e integrando os colonos em sua evolução social. Polêmicas a parte, é inegável

que a Igreja desempenhou um importante papel na vida destas comunidades, como podemos perceber nesta obra. O professor José Hildebrando Dacanal afirma, a este respeito, que os colégios religiosos e os seminários proporcionaram a muitos jovens uma educação de tal nível que, na época, apenas os filhos da oligarquia gaúcha ou de algumas famílias da alta classe média de Porto Alegre tinham acesso.

Enfim, os leitores poderão perceber nesta obra muitas questões para reflexão e debate: a capacidade de sacrifício e renúncia destes pioneiros, seus costumes, as dificuldades iniciais de integração e outros problemas e desafios que milhares de colonizadores, não só os de Linha Divisa, tiveram de enfrentar.

Outros leitores lembrarão com nostalgia, junto ao Agostinho, principalmente aqueles que tiveram sua infância ou parte dela ligada à vida na zona rural, as brincadeiras e aventuras daqueles tempos. Os banhos de açude, as caçadas com bodoque, a arapuca, as pescarias e tantas outras peripécias. Outros ainda, também com espírito saudosista, encontrarão aqui a lembrança de uma paisagem natural profunda e rapidamente alterada e deteriorada por um processo de modernização agrícola devastador que, em nossos dias, felizmente, está sendo discutido e reavaliado. Muitos dos animais citados aqui, por exemplo, são raros ou já não existem em nossa paisagem. Certamente, essa deve ser uma das tantas razões que faz o Agostinho afirmar melancolicamente que “tudo o que lembrava o pequeno lugar doía por demais”.

Antônio Kurtz Amantino

I — ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Conforme os historiadores indicados na bibliografia, não eram estranhas, no Paço Imperial, as seguintes considerações:

– *O trabalho não é muito digno ao português, que explora este chão por outras mãos.*

– *Os cofres estão enfraquecidos pela baixa produtividade, fruto do suor em desprestígio.*

– *A Inglaterra, como garantia da Independência, exige vender mais e, para tanto, pressiona para que os negros sejam libertos.*

– *Uma vez libertados os negros, quem ainda trabalharia?*

– *Depois da matança dos índios do sul, selada com o massacre de Caibaté, não haverá mais gente nas bandas de lá.*

– *Os castelhanos estão de olho nas terras abandonadas.*

– *Os estancieiros não oferecem nenhuma garantia às fronteiras sem dono.*

– *Do Rio de Janeiro à Província do Rio Grande do Sul, as distâncias tornam impossível o controle daquelas terras.*

Com outra gente, de bom porte, melhores resultados poder-se-iam colher, em altura e feitio.

Assim, por estas e outras razões, urgia renovar os recursos humanos, trazendo gente de boa cepa, hábil e com

gosto no trato do chão. Urgia gente trabalhadora para produzir e ocupar espaços vazios. Do assunto da imigração, Dom Pedro I fez causa pessoal. Dona Leopoldina, conhecedora e aconselhada por entendidos em trabalho, indicou agricultores da Alemanha para bem servir às causas da Coroa. Isso tudo ocorreu nos anos de 1810 a 1820.

Algumas experiências já tinham ocorrido com vinda de alemães e suíços, mas não na escala que agora se pretendia.

Começaram, já em 1822, os primeiros preparativos para a chegada de trabalhadores tão importantes. Foram destinadas terras de São Leopoldo e, para início, seriam medidas aquelas da Feitoria de Linho e Cânhamo.

Em reuniões, ficou estabelecida a criação de gado e cavalos, além do cultivo de várias sementes que seriam entregues a cada família que aqui chegasse.

Sem muita pressa, isso foi cumprido, medindo-se terras com lotes de 160.000 braças quadradas criando-se animais e cultivando sementes.*

Paralelamente aos preparativos no Brasil, na Alemanha devia ocorrer a propaganda e, para tal serviço, foi indicado o amigo pessoal de Dona Leopoldina, Major Jorge Antônio Schaeffer. Como argumentos, e para motivar a imigração, o Major Schaeffer deveria divulgar, além do exposto sobre terras, que teriam animais e sementes, inteiramente gratuitos e que a viagem seria por conta do governo brasileiro. Haveria auxílio durante os primeiros dois anos, e a casa se lhes garantiria, sem luxo. Havia uma

*Nota do Autor: 160.000 braças quadradas equivalem a 77 hectares.

condição: por dez anos, as terras doadas não poderiam ser vendidas a ninguém. A intenção era fixar, de vez, alguém à terra.

Major Schaeffer também garantiria a Uberdade de culto e a conservação dos costumes.

No início de 1823, por causa do pouco espaço de que dispunham para cultivo da terra, ou por estarem cansados de ser empregados, a oportunidade de ter seu próprio espaço soou bem aos pequenos agricultores das montanhas de Hunsrück, Hesse e Hannover. Muitos estavam desestabilizados de suas pequenas propriedades e, perdidos nas cidades, eram havidos como preguiçosos. Havia as sobras de guerra, os mercenários de Napoleão e de outros chefes, desempregados na ausência de guerra. Havia, também, os desajustados e delinquentes. A essas pessoas, pareceu boa a oportunidade oferecida pelo Major Schaeffer. Não era nada mau o sentido das primeiras notícias de que, em algum lugar do mundo, havia um bom pedaço de terra para todos. Nas montanhas e vales de muitas pedras, surgiram sonhos de casas e jardins. Souberam, aos poucos, que o lugar seria bom e de muitas árvores, que o clima era semelhante ao da terra natal. Por outro lado encontrariam nativos de pouca amizade, e a saudade não seria diminuída. Seria quase um desterro, para quem partisse. Os pequenos pedaços de terra, improdutivos, eram tão familiares, que qualquer outro lugar se constituiria em agressivo. Ninguém os esperaria para dizer boas vindas com expressões conhecidas, mas, ao contrário, seriam saudados em linguagem estranha. No entanto, muitos perguntavam onde ficava o Brasil.

Muitas dificuldades foram superadas pelo Major Schaeffer, como as de contrato com o pessoal, ou de transporte, sem esquecer as acusações de enganador. Mesmo assim, chegou ao Brasil, entre 23 e 25 de julho de 1824, o primeiro grupo de 43 pessoas.

Desde os primeiros dias, até dezembro, a administração teve muito a fazer para dar a cada família o seu lote e as condições para produzir.

No meio de uma mata de grandes árvores, só a coragem, os bons costumes do trabalho e os primeiros resultados que mostravam ser a terra fértil, deram condições de continuidade.

1.1 — DAS DIFICULDADES

1.1.1 — Em questão de viagem e chegada

Por mais que se garantisse aos imigrantes que, aqui, todas as propostas seriam cumpridas, sentiam-se inseguros, pois não possuíam comprovantes sobre a seriedade no cumprimento do prometido.

Sufrimento igual ao da insegurança, consistia em ser pobre e, por isso, não poder optar por melhor companhia durante toda a travessia. O Major Schaeffer tinha a missão de recrutar combatentes para o Império, além de recrutar reforços para os cuidados da terra. Sob a alegação de que aqueles rudes soldados, aqui, transformar-se-iam em agricultores, era burlado

o consenso internacional que proibia, depois das guerras napoleônicas, a organização de exércitos mercenários. Como era preciso demonstrar serviço, importava trazer gente e, assim, vinham também, até 1830, bom número de encarcerados, sendo em número maior até 1826. Vinham soldados alemães, cujo ofício era apenas o de serem lutadores sem grandes virtudes, pois que faziam da guerra o sentido de seu destino. Nos três primeiros anos da imigração, mais alemães vieram para o exercício militar que para o exercício da terra. No meio desta soldadesca, vinham crianças e mulheres com a simplicidade da água. Opção ainda pior estava reservada aos agricultores, quando vinham reclusos com virtudes em extinção. Maus momentos foram aqueles em que, com mais ou menos meio metro quadrado de espaço para se mover, deviam suportar presenças tão pouco desejadas. Sob qualquer ângulo que se olhasse a viagem, era difícil entendê-la como sadia. Por essas razões, muitas crianças não suportavam a viagem e, mortas, eram jogadas ao mar.

Os reclusos que aqui chegavam eram escolhidos para a guerra Cisplatina. Sobre o tratamento dado a eles, afirma Aurélio Porto: "Durante um ano, um ano de aflição e de misérias, afrontando todos os dias a morte, e indo até a morte buscar um descanso, que a impiedade dos seus chefes lhes não dava, esses abnegados colonos prestavam seu tributo de sangue à Pátria brasileira. Com usos e costumes diferentes, falando uma língua estranha, incompreendidos por todos, desprezados por todos, sempre escalados para os trabalhos mais árduos, menos dignos, açoitados, às vezes pelas mínimas faltas disciplinares souberam, entretanto, honrar as tradições da raça valente, cujo sangue lhes corria nas veias."

Os colonos, vindos já sob forte disciplina e castigados no navio quando dela fugiam, perceberam, dolorosamente, o quanto lhes custava a idéia de um bom lugar. Alguns, principalmente os que deviam pena, foram selecionados para São João das Missões, em 1825. Essa tentativa fracassou bem antes de chegarem ao destino.

Sufrimento maior passaram ao perceber a desorganização, acentuada já a partir de 1824. A distribuição da terra e dos meios para iniciarem o trabalho não fluía ao natural, demonstrando que o planejamento não era o forte de quem os recebia. A tecnologia das derrubadas e da conservação do solo não tinha sido pensada. Fez-se, assim, aumentar a ansiedade dos primeiros moradores. Não seria possível explicar, sob esta ótica, o tipo de educação dada aos filhos? Diante de tanta limitação, toda atenção era pouca. Preferiam, os pais, punir os filhos que vê-los expostos a sofrimentos maiores?

As canções que, principalmente à noite, cantavam, revelavam também o sentimento da saudade. Nas canções limpavam um pouco o espírito, pois por elas entravam em contato com a alma alemã. "Wen die Schwalben sind fort sie Kheren wieder her". (Quando as andorinhas partem, elas retornam novamente) era uma canção que lhes dizia respeito, mas, com certeza, a realidade lhes roubava o sonho porque o retorno não lhes era facultado.

Sempre, em períodos de enxameação, ocorreu, em algumas pessoas, a síndrome da mudança, isto é, a incapacidade de suportar a dor da separação do lugar com o qual foi estabelecido contato vital. Nada demais, então, deduzir que alguns dos primeiros imigrantes tivessem dificuldades

muito grandes em transpor o limite que se impunha àqueles que romperam em definitivo com seus pequenos lugares da Alemanha.

O impacto do que fazer diante da novidade, gerava atitudes e comportamentos nem sempre os mais adaptativos. O esforço ímpar diante do medo de não poder assimilar as novas exigências, causava tensões. O trabalho da terra e a pouca tecnologia ao trabalhá-la deixavam, não raro, como resultado, a frustração. O excedente da produção era quase nada valorizado.

A adaptação ao clima, em função das alterações da temperatura, não foi superada tão facilmente. As dificuldades climáticas deixavam um saldo, cujo conteúdo era a morte.

Por viverem em comunidades isoladas do contato com os daqui, eram olhados como estranhos ou intrusos e, por isso, muitos anos se passaram até o momento de poderem dizer: "essa é nossa casa."

1.1.2 — Em questão de Religião

O atendimento religioso dos que vinham não foi pensado oficialmente. Vinham sem alguém que os pudesse orientar. Nos primeiros anos, alguns padres diziam a Missa, sem se estabelecer comunicação. Os pastores que acompanhavam os primeiros imigrantes não podiam ser considerados de grandes virtudes e preparação teológica. Somente em meados do século em questão é que melhorou o atendimento, sem, entretanto, haver uma presença orientadora

nas necessidades de culto e rito. Diante do sofrimento e solidão, aumentaram os sentimentos comunitário e religioso. Assim, do abandono, da busca de coesão, da busca da glória como superação do limite, da fantasia mística, nasceram os Muckers (santarrões), em 1873.

Apesar das dificuldades no atendimento e de alguns desvios nos costumes, manteve-se, sempre presente, a fé como uma necessidade vital e a esperança como uma luz.

1.1.3 — Em questão de educação

As escolas não tiveram um efetivo cuidado por parte dos administradores da colonização. Estas eram deixadas às preocupações dos próprios imigrantes que escolhiam seus professores, jamais descurando das aprendizagens necessárias.

Nas picadas de São Leopoldo, logo que se formava um grupo de moradores, levantava-se uma casa, de uma sala, que servia para os serviços do padre ou pastor e do professor. Era escolhido aquele que possuísse alguma dificuldade no trato da terra e manifestasse um certo avanço no entendimento, para iniciar as crianças em escrita, cálculo e leitura, durante o período de um ou dois anos. Tanto os católicos como os protestantes percebiam que as escolas eram importantes para a manutenção dos costumes trazidos de longe.

Somente em 1852 o governo começou a criar algumas escolas públicas. Os alunos sentiam-se muito bem com o ensino praticado apenas em alemão. Preferiam o mestre bilíngüe que, sem muito entusiasmo, os introduzia na língua

portuguesa. A tradição da escola paga pela comunidade terminou apenas em torno de 1950, quando estas passaram a ser geridas pelo Estado ou Município.

Já no início de 1900, os anos escolares foram prolongados e os conteúdos acompanhados pelos órgãos do governo, para que se evitasse a propagação do pangermanismo.

Para comprovar o que foi afirmado sobre as escolas, diz o relatório de Hillebrandt, para o Presidente da Província, em 1854, que havia apenas três escolas públicas para vinte e sete particulares, nas quais não havia o contato com a língua nacional. Diz, ainda, uma Lei Provincial de 1864:

Art. I — Fica o Presidente da Província autorizado a contratar professores particulares, quer nacionais, quer estrangeiros, para lecionar primeiras letras dentro das colônias provinciais, devendo, o professor, saber o idioma dominante nas colônias.

Art. II — Serão preferidos, para esses contratos, aqueles que se acharem habilitados para ensinar a língua nacional aos seus alunos; porém, na falta destes, poderão ser engajados mestres que lecionem na língua que predominar no distrito, em que a aula houver de funcionar.

O Artigo IV desta Lei, afirma que o Presidente poderia contratar um professor havendo 100 crianças de ambos os sexos. Isso dificilmente ocorria, pelo tamanho das comunidades do interior. Havia, ainda, mais o imperativo não explícito de cada colônia prover pelos mestres.

Tanto os padres como os pastores não eram muito insistentes em que seus fiéis aprendessem a falar pela gramática brasileira, pois temiam que, aprendendo a língua, os imigrantes

aprenderiam os costumes daqui, nada recomendados pelos que por eles vigiavam.

1.1.4 — Em questão da política da terra

A política em relação à distribuição ou venda das terras, não pode ser avaliada como um conjunto de medidas fidedignas. Havia muita instabilidade nas leis e, quando existentes, nem sempre eram cumpridas. Todo esse clima deu ensejo a uma profunda desconfiança nas determinações oficiais.

Todas as promessas feitas e escritas por Schaeffer, em nome do governo brasileiro, foram revogadas em 1830. Seja pela morte da Imperatriz Leopoldina, seja pelas dificuldades de Dom Pedro em manter-se na corte, ou pelas dificuldades econômicas dos cofres imperiais, a 15 de dezembro de 1830 eram retirados todos os subsídios do projeto imigração.

Diz Roche que os colonos agitaram-se em consequência da retirada do auxílio, porquanto nem as indenizações vencidas, nem as que tinham ainda direito para os dois primeiros anos de chegada lhes seriam pagas.

Essa Lei, para eles retroativa, inspirou-lhes redobrada desconfiança a respeito do estado brasileiro, sobrando-lhes apenas uma oportunidade: a solidariedade étnica.

Dom Pedro I percebeu, também, nessa Lei da Câmara dos Deputados, uma maneira de lhe fazer oposição, sendo mais uma razão à sua abdicação. A Regência, por razões políticas e

desentendimentos parlamentares, não teve condições de olhar para esta questão provincial.

Para não mais sentir os reclames da Província do Rio Grande do Sul, a Regência descartou-se do problema, repassando o assunto para as decisões do Presidente. Além do que, tinha o Império que se haver com a Revolução Farroupilha, o que lhe era suficiente.

Graças a um trabalho sério do Dr. Hillebrandt, administrador da imigração em São Leopoldo, foi devolvida a tranquilidade às colônias.

Entretanto, de 1830 a 1846, a consciência da necessidade do sistema escravocrata ser abandonado, exigia um sistema de relações de trabalho, onde mais pessoas tivessem oportunidade de participação nos lucros. Reforçava-se o consenso anterior da vinda de mão-de-obra estrangeira, que implementasse uma forma mais democrática nos resultados do trabalho.

Em 1848 foram concedidas terras devolutas (à disposição do governo) para a continuidade da colonização, contanto que não se usasse mão-de-obra escrava. À Província do Rio Grande do Sul, foram concedidas pelo Império, trinta e seis léguas quadradas, mas aconteceu que, com a imigração espontânea, essas e outras terras foram sendo entregues por legitimações complacentes, já que a Lei deste ano permitia a concessão de reconhecimento às posses existentes. A apropriação definitiva destas terras concedidas ocorria somente 5 anos após o desbravamento e exploração.

Em 1850, surgiu a Lei que assegurava a posse apenas por meio de compra, e não mais por simples concessão.

A Lei Provincial de 1851 concedia lotes de 48 hectares aos que se dirigissem aos núcleos estabelecidos em terras concedidas em 1848, mais vantagem em dinheiro durante a instalação e indenização da viagem até o local, mas não foi possível atender a tantos privilégios. Surgia, para corrigir tanta bondade, a Lei de 1854, dita como Carta da Colonização. Este era o seu teor:

1.º — Que estas terras seriam vendidas à vista ou a crédito (sem juros, pagáveis em 5 anos).

2.º — Que o auxílio de 50 mH réis por pessoa seria cobrado pela Província.

3.º — Que haveria vantagens, como gratuidade da viagem entre o Porto de Rio Grande até o local onde se fixariam, e hospedagem durante o tempo de espera até sua instalação.

Logo após 1854, foram fixados os valores dos lotes, a cobrança da dívida colonial e do auxílio reembolsável. Como não era possível cobrá-los, pela inexistência de tais valores, a Província recuperou apenas o montante do valor da terra, e isso em 1867.

Convém salientar que as Leis sempre procuravam fazer com que os imigrantes se fixassem nas terras compradas, evitando-se, assim, a fuga para grandes concentrações.

Em 1865, já eram tantos os imigrantes, que o governo imperial se permitiu ordenar aos cônsules, na Europa, que pagassem somente a quantia igual à diferença entre a travessia até aqui e o valor cobrado até aos Estados

Unidos. Desta forma, até 1914, final da colonização oficial, eles vinham em busca de trabalho, mesmo não tendo as necessárias garantias. No entanto, ninguém poderá afirmar que estivessem entregues apenas às suas próprias decisões.

Os imigrantes garantiram o equilíbrio da economia, ao contrário do que muitos diziam, que estaria ameaçada com o fim da escravatura. Os bons ofícios dos colonizadores instalados oficialmente e dos que se instalaram através de sociedades colonizadoras particulares, podem ser considerados o ponto de equilíbrio na passagem da escravatura para a mão-de-obra livre.

1.2 — DAS ALEGRIAS

São vários os testemunhos de que os colonos que aqui vinham estavam imbuídos de uma tal esperança que todas as dificuldades, principalmente a viagem dos 100 dias, eram superadas com altivez de espírito. O objetivo de ter um bom lugar para si e para seus filhos, dentro de uma comunidade onde seriam importantes uns para os outros, fazia com que, mesmo a morte não constituísse limite. Todos os sofrimentos fizeram com que se criasse um grande sentimento de solidariedade.

Muitos, em 1860, começaram a chegar porque, nem como bons artesãos, tinham vez nas bandas de lá. Vinham para cá enxotados pela industrialização e animados com que seu saber pudesse, ainda, ser útil numa terra sem fábricas de objetos iguais.

Como o sistema bancário favorecia aos donos de grandes indústrias, sobravam os que tinham tecnologia nas pequenas, e vinham animados com a idéia de se dar bem por aqui.

Alguns, cansados das intermináveis guerras, vinham com a única missão de buscar um pouco de paz, que talvez uma terra nova e menos viciada lhes pudesse dar. A maior alegria é aquela de se ter um bom chamamento, renunciando que se tem um maior destino a cumprir. Eles vinham com possibilidade de salvar-se de seus vários males, empurrados pela Europa que deles se desfazia, sem nunca ter considerado os seus problemas, por um instante sequer. Vinham atrás de promessas e de melhores ilusões, e quase sempre encontravam não aquilo que as palavras e a imaginação lhes acenava, mas um lugar que os acolhia com dificuldades, raras vezes lhes negando o trato digno.

Não foi desse messianismo que surgiu Jacobina e seus companheiros? Por pequenos que aqui fossem, seriam bem considerados, já que ninguém teria grande ascendência e grande nome. Todos teriam a chance de crescer diante de seus próprios olhos. Seus costumes zelavam pelos bens e pela vida comunitária e, mais que tudo, pela alegria de poder executar seu trabalho e colher seus frutos.

Muito digno foi o comportamento dos agricultores frente à escravatura. Mesmo aqueles que, por progresso próprio, podiam ter algum escravo, o faziam sem grande entusiasmo. Dr. Hillebrandt, o principal guardador de São Leopoldo desde o tempo da Feitoria do Linho e Cânhamo, afirma, em seu relatório de 1850: "Tenho a satisfação de anunciar que a escravatura teve pouco aumento este ano, e

conta somente 229 escravos; número esse demasiado grande num distrito que pode dispor de tantos braços livres; muito se precisa de uma lei, que proiba inteiramente a introdução de escravos nos distritos coloniais da Província." Em 1884, em todo o município de São Leopoldo, havia apenas o número de 54 escravos.

Foi de bom tino e fez muito bem aos imigrantes não lhes terem sido roubadas suas raízes, logo de chegada. Puderam estar à vontade com sua Língua e seus costumes por tempo até demais, a não ser quando, de repente durante as duas grandes guerras mundiais, principalmente a última, houve um surto nacionalista, exigindo que, o que não fora feito em 100 anos fosse feito imediatamente: falar, brincar, relacionar-se, comer, pensar, trabalhar, amar e rezar conforme as normas da casa.

No início muito isolados, os imigrantes levaram uns bons anos até terem prazer de participar da gerência do bem público. A participação inicial era muito cordata e obediente, não buscando negar os desejos da situação. Seria por medo de perder as garantias já conquistadas?

Boa satisfação representa aquela dos alemães legarem uma nova ordem social. Podiam, por várias razões, dormir de consciência limpa, pois viviam apenas do seu trabalho. Não eram como os estancieiros ricos e que viviam às custas de pobres escravos. Podiam ter o prazer de intermediar entre a miséria e a riqueza e, por onde quer que olhassem, todos tinham igual ou semelhante situação. Ninguém possuía grandes luxos, mas dava para sobreviver dignamente e alimentar esperanças para si e seus filhos. Os que há mais tempo estavam estabelecidos, já conseguiam ter alguma reserva para comprar novas terras, com vistas a garantir o futuro dos íntimos.

Dessa maneira, suas vidas diferiam de qualquer experiência anterior realizada no Brasil, pois seria de todos o que um pudesse ter ou desejar. O único critério na distribuição dos pequenos bens, era ser gente e trabalhar.

Vinham, conforme seus costumes, na certeza de que o prometido seria cumprido no tempo devido, pois estavam muito bem afeitos ao cumprimento de normas e horários. Muita estranheza causou, aos primeiros habitantes, a despreocupação com que se deixava de lado o que, até por escrito, tinha sido determinado. Aqui, tudo facilmente era burlado, parecendo que, pelas distâncias, o tempo e as normas chegavam atrasados. Em poucos momentos surgia a lógica e a medida como garantia da exatidão, mas quase tudo se ajustava por demora ou cansaço. Também por aqui, nem sempre o respeito à propriedade era havido como o melhor. As noções de família e comportamento sexual não possuíam tanta nitidez como aquelas trazidas do outro lado do mar. O trabalho e a continuidade do mesmo não podiam deixar de existir, sendo apenas o domingo o prêmio do esforço, mas por estas bandas muitos outros convites tinham preferência. O zelo religioso e as escolas teriam muito o que fazer para garantir os bons costumes.

Pouca coisa é melhor que o descanso do domingo, depois de uma semana de suor. Pouca coisa é pior que o descanso seguido de outro, pois o organismo torna-se sensível à dor e o espírito entra em modorra.

Com a certeza do cumprimento dos costumes, com a consciência sem culpa, eles, à noite, cantavam em suas casas e, em 1850, formavam-se as "gesangverein" (sociedade de canto), demonstrando que a vida comunitária já tinha passos seguros.

Ninguém estaria, a partir de então, entregue às suas próprias preocupações.

Apesar das dificuldades, as picadas se enchiam e se adentravam na mata. O comércio por troca passou a comprar o excedente. As pequenas indústrias e o artesanato satisfaziam, e as maiores empresas industriais ou comerciais conseguiam ampliar o capital. O tecido social se tornava complexo com o passar dos anos e, no final do século XIX, o Rio Grande do Sul tinha uma nova feição.

As responsabilidades do governo em organizar novas comunidades foram repassadas, quase em sua totalidade, para companhias particulares. Surgiram entidades preocupadas com a assistência religiosa nestas novas comunidades. Uma das companhias vendedoras foi a Companhia Colonizadora Rio-Grandense e uma das entidades foi a *Wolkverein* (sociedade do povo).

1.3 — DOS USOS E COSTUMES

Os valores explícitos no comportamento dos imigrantes revelavam-se com bastante nitidez.

A responsabilidade pelas horas determinadas como disciplina no cumprimento de tarefas comunitárias e pessoais, era questão primordial.

As normas estabelecidas, como consenso, para o funcionamento do grupo familiar ou comunitário, não podiam ser transgredidas, sob pena de forte rejeição.

Constituía-se em grave ofensa aos costumes, qualquer ameaça que pudesse surgir em relação à estrutura familiar. Havia um forte medo de que se rompesse a organização da família, pois quem controlaria a possível desordem social, e quem daria continuidade aos costumes, se não a família?

A casa constituía-se em centro de preocupações e o cuidado por ela, através do jardim, de seu próprio embelezamento e das canções em seu elogio revelavam que ali residia uma prioridade inquestionável.

Era rejeitado qualquer comportamento que atentasse seriamente contra a vida.

O sentido da propriedade não podia ser duvidado, pois era repudiado tudo o que viesse ameaçar a idoneidade da organização social.

O trabalho tinha uma especial atenção. Todos temiam um preguiçoso, sendo os filhos e alunos fortemente punidos quando não cumpriam com o que havia sido estabelecido.

Por todas estas posições frente à vida, os alemães nem sempre estavam concordes com o que viam por aqui.

Além destas contribuições dadas pelos imigrantes, outros hábitos foram sendo absorvidos pela província. Da mesma forma, muitos costumes perderam sua vitalidade, bem como certos hábitos dos colonizadores foram modificados pelos daqui.

Vê-se a cuca (Kuchen) como se ela fosse um antigo alimento das mesas em dias de festa. O schmier, resultado da fervura de frutas com açúcar, está quase sempre presente no café da manhã. Os pomares daqui adquiriam dupla finalidade: uma para alimento natural e outra para melhoria dos alimentos conservados.

Infelizmente, com o advento do soja, muitos agricultores acharam por bem devastar seus pomares em troca de alguns cruzeiros a mais, tirando a beleza da casa e o gosto das frutas no pão.

A cerveja, até 1830, vinha da Alemanha ou da Inglaterra, mas pelo alto custo da importação, qualquer comunidade que se prezasse, tinha sua pequena cervejaria, com pequenas cubas de fermentação. Somente com a melhoria nos transportes e com a instalação de grandes cervejarias, como a Continental, é que a cerveja caseira deu lugar à de melhor qualidade.

Os primeiros agricultores tiveram algumas dificuldades para se adaptar aos hábitos alimentares brasileiros. O pão de milho, o feijão, arroz e carne de porco foram seus primeiros alimentos, devendo se acostumar, também, ao charque. Trouxeram consigo formas de conservação de carnes, como a defumação. Não faltava, também, o provimento de carnes através da caça. No final do século XIX, já estavam iniciados no churrasco, e o chi marrão já bem antes era apreciado.

Não sem muitas reservas foi vista a cachaça (Schnaps). Nos sermões, ela foi xingada de várias formas. Era consenso de todos os pregadores que os bons costumes não se conservavam no álcool.

Bem cedo deixaram de lado as roupas de lã e de Unho, usando o que lhes estava disponível: o algodão e o cotim raiado.

O chapéu de feltro, nos dias de semana, foi substituído pelo de palha, e os sapatos pelas botas.

As únicas jóias percebidas eram a aliança e a cruz com corrente, como sinais de fidelidade e de fé, e não como abundância e riqueza.

Usando o cavalo, foram logo tomando jeito de gaúcho: a sela e arreios ornados, as esporas pesadas, a larga cinta, a bombacha, o poncho e o chapéu de barbicacho fizeram parte do seu dia-a-dia. As mulheres usavam o selim ou sela de amazona, de veludo enfeitado.

Em se tratando dos usos e costumes, não dá para deixar de lado a árvore de Natal e, para dar vazão à saudade, lá estava o algodão, representando a neve nos pinheirais, no tempo de Nicolau.

II - LINHA DIVISA

2.1 - CHEGANDO EM LINHA DIVISA

Horst Hoffmann, engenheiro, solteiro e alemão, conforme a tradição oral afirma, foi quem trabalhou na ferrovia Passo Fundo-Erexim e, por tal serviço, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul ficara lhe devendo uma farta quantia em dinheiro. Como os cofres não possuíam condições de suportar

mais esta despesa, o pagamento lhe foi feito por doação de terras da Colônia Boa Vista. Em 1914 foi feita a escritura do que antes já tinha sido estabelecido como negócio. Para maior fidelidade para com os dados, aqui vão transcritas partes do documento:

"Saibam todos quantos virem esta Pública Escripura de Compra e Venda que no anno de mH novecentos e quatorze nesta cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, aos vinte dias do Mez de fevereiro do dito anno, neste cartório compareceram: Como outorgante vendedor o Governo do Estado, representado pelo Procurador Fiscal, doutor Olavo Franco de Godoy, que disse ser autorizado por officio do doutor Secretario dos Negocios da Fazenda, em dezoito do corrente mez e, como outorgado comprador o doutor Horst Hoffmann actualmente na Europa e representado nesta data por seu procurador subestabelecido, o doutor Carlos Culmey, conforme o subestabelecimento a folhas setenta e uma do Livro numero dois deste notariado os presentes aqui residentes reconhecidos do notário, de mim ajudante e das testemunhas do diante nomeadas e assignadas do que dou fé e perante et las disse o alludido representante que pela presente escriptura e na melhor forma de direito — o Governo do Estado vende ao doutor Horst Hoffmann — a area de Duzentos e treze milhões quatrocentos vinte e um mH quinhentos e vinte metros quadrados ($213.421.520\text{m}^2$) de terras situadas no núcleo colonial Boa Vista, quinto districto do Município de Santo Angelo das Missões. A area vendida de Duzentos e treze milhões quatrocentos vinte e um mil quinhentos e vinte metros quadrados faz parte do núcleo Boa Vista com area total de duzentos e oitenta milhões e quinhentos mil metros quadrados ($280.500.000\text{ m}^2$.) O preço total da area vendida é de quatro mil

duzentos e cinquenta por hectare e na importância total de noventa contos setecentos e quatro mil cento e quarenta e seis (Rs 90:704.146), moeda corrente a qual já foi paga em dezessete de Novembro de mil novecentos e treze pelo Comprador ao Thesouro do Estado. A folhas cento e noventa e cinco do livro Caixa do Estado fica debitado ao actual Thesoureiro desta Repartição Leopoldo Th. Gonçalves pela quantia de noventa contos setecentos e quatro mil cento e quarenta e seis (90:704.146) recebida do doutor Horst Hoffmann por seu procurador Carlos Culmey por saldo da



Figura 1- Nicolau escolheu um lugar de poucos acidentes e levantou sua barraca, com o pano de trilhar, bem perto de uma paineira”.

compra feita ao Estado de mil cento de vinte e dois lotes coloneaes com a area de duzentos e oitenta milhões e quinhentos mil metros quadrados. Dessa area a de sessenta e sete milhões e oito mil quatrocentos e oitenta metros quadrados, correspondente a duzentos e sessenta e oito lotes já se acha paga ao Estado ...”

Se as duas partes "compradas" foram doadas para compensar o débito, ou se uma delas foi comprada e a outra doada, ou se, ainda, as duas, contradizendo o testemunho oral, foram realmente compradas, outros estudo poderá esclarecer. A verdade é que Horst Hoffmann ficou com 280.500.000 metros quadrados.

Para bem da verdade, convém salientar que Horst Hoffmann, através de seu procurador, já vendia a posse de terras ao menos em agosto de 1913.

Na data de 28-04-1914, Horst Hoffmann, por seu procurador, Carlos Culmey, vende para a Companhia Colonizadora Rio-Grandense a área de 213.421.520 metros quadrados, pelo preço de Rs 138:704.146.

Pode-se concluir, além do bom lucro auferido por Horst Hoffmann, que 67.078.480 m² não foram vendidos para a Companhia, mas sim, em parte, já tinham sido vendidos diretamente aos imigrantes como posse.

As terras foram divididas em linhas retas e denominou-se Linha Divisa àquela que fazia limite com as terras do Governo do Estado, ficando ao sul da colônia Boa Vista, antes de ser chamada Santo Cristo.

2.2 — O PEQUENO LUGAR

Como as abelhas, na primavera, se organizam em novos enxames, assim os agricultores, depois de uma ou duas

gerações, conforme o espaço, se ajeitavam e partiam para outras colônias. Uma comunidade, com o tempo de partir, carregada de jovens e sem terras para repartir, foi Feliz, no Município de São Leopoldo.

A exemplo de tantos pais, Nicolau Holz conversava com seus filhos, à luz de um lampião de querosene. Muito atentos estavam os filhos, Nicolau, José e Pedro.

A conversa mais comum e atraente no tempo de enxamagem era a de encontrar um bom lugar onde os filhos pudessem viver, sem demasiados sobressaltos. Isso aconteceu nos dias de 1910.

Nicolau, conforme garantia a Volkverein (sociedade do povo), dizia aos filhos que, em Porto Alegre, um senhor de inteira confiança, de nome Carlos Culmey, procurador de um engenheiro chamado Horst Hoffmann, que partira para a Alemanha, estava vendendo terras muito boas. O preço delas era de trezentos e poucos réis por colônias de 20 hectares, e estavam localizadas lá para as bandas das missões.

Os pais de Francisco Kantler, Leopoldo Knebel, Filipe Wolf e Matias Knorst, falavam com a mesma convicção a seus filhos, não sobrando outra alternativa à rapaziada que não a de ver de perto as terras prometidas como férteis e de bom mato. Por aqueles dias, o fio de toda conversa era sobre as terras que ficavam perto das colônias Guarani, que já tinham vinte anos de existência.

Para o ânimo ser mais forte, afirmava-se que a estrada de ferro já estava pronta até Ijuí, distante de Guarani apenas um pouco mais de cem quilômetros.

Em 1911, José e Nicolau foram ver as terras que diziam distar apenas 40 quilômetros de Cerro Azul. Confirmaram tudo o que se dizia das condições das terras da colônia Boa Vista.

O trem ia de Porto Alegre a Santa Maria. Dirigindo-se, então, a Cruz Alta e Ijuí e daí até Guarani, levavam o tempo mais ou menos justo de quinze dias. A picada para a colônia da Boa Vista já tinha marcas da passagem das carroças, e isso animou os observadores das novas terras.

Ficaram emocionados ao ver as árvores altas, indicando solo fértil. Ficaram vários dias na colônia Boa Vista, mas as terras que mais apreciaram foram aquelas demarcadas no início da colônia, que eram as terras da Linha Divisa.

Viram os riachos que banhavam as terras, cavocaram o solo e voltaram contentes para casa.

Ao retornar a Tannenwald (Feliz), tinham receio de que alguém já se lhes tivesse antecipado na compra. Portanto, em seguida, após à chegada, urgia organizar-se para a partida. Foi assinado o termo de posse com Carlos Culmey e, assim, a família Holz adquiria as primeiras colônias, no valor de trezentos e cinquenta mil réis cada uma.

Todos sabiam do que se necessitava para iniciar a vida em novas colônias. A criação de pequenas comunidades de cultivadores de terras já possuía hábitos de 88 anos. O comportamento em torno delas já se tornara quase instintivo.

Aquilo que se tornava difícil de se transportar por trem, a Companhia Colonizadora Rio-Grandense fazia questão de vender ou intermediar, sem exploração. Assim, animais e outros produtos usados no ofício da agricultura eram comprados em Ijuí, ou então em Guarani.

Partiam, em 1912, Nicolau, José e Pedro Holz. Vieram, também, os jovens Leopoldo Knebel e Filipe Wolf, sendo que Leopoldo moraria com Nicolau e Filipe com José, seu cunhado. Sete meses mais tarde, Matias Knorst, casado com Bárbara e cunhado dos três irmãos, vinha também fazer companhia aos que já tinham chegado. Pedro, por não ter muito ânimo em relação ao novo lugar, não convidara ninguém. Da mesma forma vinha Francisco Kantler, sobrando-lhe, apenas, mais coragem.

Nicolau, José e Matias vieram casados, sendo Catarina Kreuz, Maria Wolf e Bárbara Holz suas respectivas mulheres. Todos eles já vinham com filhos pequenos.

Vieram de Ijuí até Linha Divisa com duas carroças, carregando tudo o que era preciso. Traziam uma vaca, um casal de leitões e alguns frangos nas gaiolas.

Era-lhes impressionante o túnel verde de três metros de largura por onde passavam, apontando lindos cedros, touros canafístulas e outras árvores. A caça mostrou-se farta, pois os quatro cachorros estavam sempre inquietos.

Quando chegaram ao lugar, estavam lá os medidores que lhes indicaram com precisão onde descarregar.

Nicolau escolheu um lugar de poucos acidentes e levantou sua barraca com o pano de trilhar, bem perto de uma paineira. Ele tinha no sangue o gosto pela natureza e aventura. Sempre inquieto, não gostava de trabalhos repetitivos. Tinha admiração pela novidade. Fazia-lhe bem o encantamento de idéias com buscas pessoais.

José foi morar em seu lote, mais acidentado, e no primeiro dia estendeu sua barraca debaixo de uma figueira

bravia. Tinha amor pela organização e sua expectativa era a criação de uma pacífica e pequena comunidade. A mudança não lhe dizia respeito, tendo o gosto pela tradição e o sentimento comunitário.

Pedro, desde o primeiro dia, sentiu que não poderia viver sem o vento nos pinheirais de Feliz. Era capaz de fazer seu destino às custas de sacrifícios, mas não conseguia dispensar seu pequeno lugar, mesmo que o chão fosse de muitas pedras. Como muitos, não suportou a tristeza de dizer adeus às primeiras ligações. Seu antigo chão chamava-o de volta com tanta intensidade, que nem as árvores bonitas do pequeno lugar podiam ocultar o pedido da volta.

Leopoldo Knebel ficou trabalhando durante 4 anos com Nicolau, mas desde 1914 já preparava a terra onde moraria. Morava, sua namorada. Catarina Maders, na Linha Rolador, e a primeira clareira aberta poderia dar espaço a seus sonhos, já que estava só e eles nascem no silêncio. O trabalho, mesmo à luz da lua, lhe era conhecido. Caminhava sempre rapidamente, como se fosse responsável pela garantia de toda a comunidade. Nunca o sol o surpreendeu dormindo, pois o ponto de referência para despertar, não era a claridade, mas o primeiro canto dos galos. Não foi sem razão que, em 1937, foi padrinho do sino da Igreja do Pequeno Lugar. Ninguém o superou nos lances, pela importância que conferia à medida do tempo. Em 1917, casou-se e foi morar em sua pequena casa, construída perto de uma fonte e, como os costumes da época, na encosta do morro.

Também Filipe Wolf trabalhou em companhia de José, antes de erguer sua pequena habitação, que ainda em 1950 podia-se ver, envelhecida. Não possuía a agilidade de Leopoldo. Com seu trabalho, comprou um lote perto da Linha das Antas. Era calado e no trabalho, sereno. Quando iam à caça



Figura 2 - Aí estão os primeiros moradores de Santo Cristo. Dos de pé, o segundo, da esquerda para a direita, é José, sendo Nicolau, acompanhado de sua esposa, o quinto. Tinham consciência da importância da nova colônia e do ato que faziam em iniciá-la, tanto assim que resolveram deixar sua marca em fotografia.

dos pardos (veados), tremia quando eles surgiam correndo nos seus trilhos. Pelo respeito que dedicava aos animais, acreditava-se que, antes, tremesse de angústia por ver que tanta vida pudesse ser abatida, que de medo do animal. Quando, mais tarde, o Phul, na Linha Rolador, construiu o moinho, podia-se ver Filipe caminhando à frente de seu cavalo que carregava um saco de farinha de milho. Quando lhe perguntavam porque não aproveitava o tombo do animal, respondia que já era suficiente

o fardo que lhe competia. O silêncio e a contemplação eram seus amigos particulares. Não fora nestas meditações que encontrara o segredo do respeito? A verdade é que foi embora desta vida muito cedo, e não se sabe bem se por causa de doença, ou se porque não fora capaz de acompanhar a pouca gentileza que era necessária para se poder continuar vivendo.

Matias Knorst era muito calmo, porém sensível. Tudo lhe afetava com facilidade. Escondia-se, raras vezes, num pequeno liso* na venda do Stteffen. Fez seus filhos amarem o trabalho, como todo colonizador. Chamava com carinho sua esposa. Zelou para o cumprimento dos deveres, até com severidade. Lembro da voz de seu filho João quando, como era costume, chegou lá em casa e disse: "Meu pai faleceu". Um silêncio triste aconteceu debaixo da pequena parreira. Meu pai sabia que mais um dos fortes tinha partido.

De Francisco Kantler, dizem os testemunhos que era calmo e paciente. Gostava, quando em reunião, de contar "causos". De suas brincadeiras, nem sua mulher, Madalena Kuhn escapava. Possuía a fé dos pioneiros e a esperança daqueles que caminham de montanha em montanha até a planície chegar. A família não representava o limite, mas ponto de encontro para o afeto, sendo as dificuldades, que ali se produziam, ponto de referência para o exercício da fidelidade e da democracia. Os extremos do frio e do calor, na Divisa, faziam parte da natureza e, portanto, eram aceitos sem questionamentos e grande proteção. O dia-a-dia estava distribuído conforme a rotina das estações que, por sua vez, obrigavam a tarefas que todos os anos tinham a mesma feição.

* Copo pequeno, popularmente chamado de liso nas comunidades do interior, usado para beber cachaça no balcão.

Estas eram cumpridas como um ritual, sem murmúrios e lamentações. Afinal, tinha o perfil de um agricultor.

Em 1913, todos oficializaram a posse da terra por escrito, antes que a promessa falada e o documento particular pudessem perder seu efeito.

A primeira empreitada era abrir um bom pedaço de terra, para o plantio das primeiras sementes e, então, faziam-se casas. Todas as primeiras casas foram construídas em conjunto, sendo a construção, do início ao fim, um empreendimento artesanal.

Erguia-se uma tora sobre duas outras, numa encosta. Com a serra, um homem embaixo e outro em cima da armação, iam fazendo táboas. Os outros, com o machado, farquejavam barrotes, vigas e tabuões. As mulheres, dos cepos de maria-mole, partiam lascas perfeitas para a formação do telhado.

Trabalhavam até à exaustão, indo, depois, para o riacho, tomar banho. As refeições eram fortes, pois eram à base de carnes. Nunca faltava um pedaço de anta ou pardo, e as aves eram preparadas de diversas formas, sem faltar o ensopado de macuco.

À noite, depois do jantar, diziam as suas orações. Com voz compenetrada, rezavam o ato de fé, o ato de esperança, o ato de caridade e o ato de contrição. Feitas suas orações, Nicolau puxava sua sanfona e cantavam canções de força e saudade: "Wier sitzen so frölich beisamer", Die Schwalben sind fort und kheren wieder her". Cada um, depois, voltava para sua barraca e dormiam até antes do sol nascer.

Acontecimento altamente significativo ocorreu num desses dias em que trabalhavam em conjunto. Sons e ruídos

estranhos foram percebidos, e aumentavam na direção dos que construía suas casas. Assustados, esconderam-se por trás dos troncos e das taquaras.

Murmúrios incompreensíveis chegavam de entre as árvores, aumentando o mistério, até o momento em que, na clareira, apareceu um grupo de índios quase nus. A pobre gente, que vinha da direção de Guarani, contemplava a casa em construção. Murmúrios foram ditos e já o grupo, abatido, partia. Lá estavam os restos de vida em extinção que conseguiram, na proteção da mata, fugir do furor espanhol e português. Contemplavam estes, àqueles que, expulsos pela falta de lugar na Alemanha, achavam aqui um espaço reduzido. No abatimento dos pobres índios que partiam do abrigo da mata e no medo dos agricultores que chegavam, havia um resumo de toda a política praticada pela Europa em relação ao solo sul-americano. Neste instante, a Unha que pisavam constituía-se em divisa de um passado que matara os filhos livres deste chão, e o presente que recebia o excedente humano europeu, expulsando aqueles que, arrasados, tinham conseguido fugir para as matas.

Que pensavam os índios que murmuravam? Como representavam seu passado? Saíam antes que dissessem para irem embora? Percebiam que, definitivamente, não teriam mais lugar na sua própria terra?

Toda a América Latina, neste instante, aí se resumia. Deixar os pobres em extermínio, caminhando sem rumo e desfazer-se, sem compromisso, de sua gente sem grande saber e poucos recursos, foi sempre a forma com que a Europa criou seus laços com as terras daqui. Quando, enfim, poder-se-á

dizer: "Caminhamos com dignidade e autonomia e praticamos uma inteligência tão apta como praticam os melhores de lá?"

O dia 25 de março de 1913 foi esperado por todos como um grande dia, pois o Padre Jesuíta, José Lassberg, iria celebrar a primeira missa.

Na picada que vinha de Guarani, foi encontrado o aviso, preso a um galho cortado, o qual anunciava o dia da celebração. Todos foram celebrar, sabendo que tudo daria certo, pois não estavam mais a sós. A missa foi realizada debaixo das árvores, servindo de altar o toco bem cortado de uma delas. Foi então criada a comunidade de Santo Cristo, e decidiram construir a sua Igreja. Obrigações foram distribuídas, cabendo, a cada morador da Divisa, trazer, até à sede, 25 tabuinhas para o telhado.

Todos estavam animados com seu trabalho e seu resultado, somente Pedro estava fora de lugar. Achegou-se para o lado dos dois irmãos, e disse que sentia-se um estranho no ninho, que nada lhe dizia respeito. O que mais queria era ir embora, antes que a loucura tomasse conta dele. Aos argumentos dos irmãos Pedro respondia que, simplesmente, a dor de ter rompido com sua terra estava demais. Assim, ainda em 1913, Pedro vendia as terras a Miguel Kuhn que, por 20 anos, as trabalhou com afinco. Ao contrário de Pedro, tinha um espírito enérgico e afeito a todas as dores. Quando, alguns anos depois de 1913, a roda traseira de sua carroça estava sendo colocada, o cepo de suporte resvalou e o eixo esmagou-lhe o peito do pé direito. Pelos poucos recursos no tratamento, houve uma infecção, tendo, então, que ser feita a amputação de seu pé. Nada disso impediu seu ânimo e sua conduta naquilo que devia ser feito, mesmo que as tarefas da lavoura exijam sempre o

corpo inteiro. Em 1913, vendeu as terras a João Krantz que, nelas, fez sua vida até 1945.

Entre 1913 e 1916, as terras da Divisa foram sendo compradas. Todos chegavam com vontade e nada os levava ao desânimo. Quando vinham, todos eram solicitude, pois cada um tinha necessidade de provar, fazendo bem 3 si mesmos, que este era um bom lugar.

Não há registro do ano, mas sim do mês. Em junho, desembarcavam das carroças Alvísio Schaedler, João Schaedler, Balduíno Frölich e suas esposas. Em junho ou julho do ano seguinte, antes que a terra estivesse boa para o cultivo, vieram mais João Renger, Fridolino Wagner, Jacob Dierings, João Kranz e Etelvino Kleinibing. Cada um com seu jeito especial e mulheres esperançosas, pois poderiam ter seus filhos e alimentar-lhes o espírito dentro de uma comunidade, e o corpo pelos frutos colhidos. Em comum, tinham os mesmos princípios, dos quais não se podiam afastar.

Todos os domingos, iam até Santo Cristo, buscar arrimo para a fé e seus costumes. No ano de 1916, José Holz e Leopoldo Knebel, com todos os outros, pensaram numa escola para que seus filhos, em momentos decisivos e formais, pudessem ter assegurada a formação, através de conhecimentos sobre a história e geografia, sobre o jogo dos números e das letras, sobre estórias instrutivas e sobre as verdades de sua Igreja. Uma pequena casa, de uma sala, foi erguida para a prática do saber.

As conversas da época traduziam suas preocupações:

— Precisamos de um bom professor, que dê instruções e continuidade à nossa língua e nossos costumes.

— Precisamos de um professor que ensine nossos filhos em língua daqui. Não estamos mais na Alemanha. Nossos filhos têm necessidade de entender onde estão.

— Para melhorar a Divisa, não podemos deixar de ter serraria, ferraria e uma casa de comércio. Quando precisamos de alguma coisa devemos ir a Santo Cristo, e isso é perda de tempo. Os carroceiros cobram caro e demoram muito.

— A estrada para Santa Rosa está boa e já podemos vender os produtos melhor, pois para ir a Guarani, o frete nos come tudo.

— O Dr. Zonkopf disse que nossas crianças estão morrendo no verão. A desidratação rouba nossas crianças mais que qualquer outra doença.

— Todos deverão cuidar de nossas estradas e cada um cuidará do trecho que atingir seu lote.

O comércio esteve presente desde o começo e os carroceiros tomavam conta dele. A rota inicial ia de Santo Cristo a Ijuí, passando pela Divisa. Os carroceiros Pelens e Mantovani passavam pela localidade e faziam o comércio do Pequeno Lugar. Levavam para as cidades os produtos disponíveis para a venda e traziam da cidade, em troca, café, brim, condimentos, ferramentas e mais alguns réis que sobravam. Serviam, os carroceiros, de meio de comunicação. Quando as carroças de Pelens ou de Mantovani começavam a chiar no mato, a solidão começava a perder sua vez. Assim foi até 1918, quando o novo morador, Guilherme Teichmann, improvisou, em sua casa, uma pequena bodega. Faiava bem o português e sua esposa levava o nome de Ana Tavares, expressando em português todos os seus pensamentos.

Em 1918, chegou Pedro Stteffen e instalou-se como comerciante até ig44, fracassando uma vez e erguendo-se novamente e de maneira definitiva. A partir de 44, Otto Braun, apoiado por Otto Droegemüller, foi bom e eficiente no comércio. Em 54 tornou-se independente e ninguém o substituiu até sua morte, em 1980.

De 1916 a 1920, novos moradores vieram para fazer Divisa seu ninho e seu caminho, quase todos casados e dois ou três prontos para construir casa e família. Eram eles: Leopoldo Maders e Cristinha, Reinoldo Alltreiter e Ana Holz, Valentin Wolf e Maria Becker, Pedro Webber e Maria Kuhn, Júlio Philipsen, Matias Lehnen e Maria, José Gut e Cristina Serafus, Jacó Eich, José Bamberg (Bambinha), José Bamberg (Bambão), Francolino Gauer e Margarida, Otto Reckziegel e Carolina.

No início de 1918, Pedro Horn, para alegria geral, instalou uma serraria e, com a força da máquina, tocava um pequeno moinho, fornecendo farinha para todos. Como fazer farinha rendia pouco, João Wolf, dois anos mais tarde, vendeu as pedras e tudo o mais que fazia parte do moinho.

Neste ano, chegaram João Schaedler e Luiz Becker. O primeiro, excelente caçador e muito curioso. Um dia, viu que boa parte de sua roça estava destruída por porcos do mato e, pela forma como fora pisoteada, a vara tinha que ser grande. Foi conversar com seu compadre Teichmann, para ver se este iria junto caçar algum porco. Guilherme lhe disse que seria muito perigoso ir, apenas com duas espingardas, tentar destruir uma vara grande. João não se convenceu com o que lhe fora dito. Foi por conta e risco. Perto de uma lagoa, formada por um riacho, estavam os porcos descansando. Os cachorros

começaram a latir, e eles se enfureceram, tomando a direção de João. Conseguiu matar dois, que tomavam a frente. Os outros não desistiram. Deram algumas dentadas nos porcos mortos e passavam rente a ele. O pobre homem invocava, desesperado: "Deus me acuda! Deus me acuda!" João tinha certeza que Deus o acudira. Ou será que os porcos não puderam com o mau cheiro? A verdade é que os porcos, irritados, passaram por ele em fila dupla e sumiram no mato. Mais tarde, convidou seu compadre para buscar os dois porcos, que ainda lá estavam. Seu Guilherme comprovou que possuíam grandes cortes e havia marcas dos porcos em fila dupla.

Porém, outras preocupações estavam presentes nas casas da Divisa, além das caçadas e histórias imortais para um pequeno lugar, e uma delas era a educação dos filhos.

Conforme a urgência, determinada pelo número de crianças, foi escolhido um professor que apenas chegara, Sr. Kugovich, que na pequena escola construída em março de 1917, começou a levar adiante o projeto comunitário de uma verdadeira escola para os filhos da Divisa.

A experiência não deu certo com o Sr. Kugovich, não por falta de competência profissional ou bondade humana, mas por não se adaptar aos costumes religiosos, uma vez que seguia o caminho protestante. Foi substituído pelo agricultor Valentin Vlof que, de 1918 até 1920, atendeu às crianças em estudos sociais, matemática, iniciando pela leitura e escrita, sem esquecer jamais dos projetos que Deus tinha para todos. Vinha ele da Linha das Antas, mas da Divisa fez seu lugar predileto.

Em 1921, de Linha Larga, migrou o Sr. Jacob Schaeffer e sua esposa Maghdalena. Pelo bom entendimento em língua nacional, por ser um bom músico, por compreender de tempo e

espaço, por saber lidar com números, escrita e leitura e, também saber coisas de Deus, foi escolhido professor.

Cada criança custava, por mês, dois mil réis para ser iniciada no saber necessário para melhor enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. Jacob, em contrapartida, apresentava energia e decisão, não perdoando distração e demasiada ignorância. Acompanhava, todos os domingos, os fiéis à missa em Santo Cristo, e todas as noites fazia seu violino cantar melodias da Alemanha e do Brasil.

Para completar os espaços em branco, vieram, de 1920 a 1930, os seguintes agricultores e artesãos: Albino Diehl, primeiro ferreiro, Alberto Lamberti, segundo ferreiro, João Wolf, segundo dono da serraria, José Wolf, terceiro dono da serraria, José Puhl, quarto dono da serraria, Júlio Ikert, quinto dono da serraria, Alberto Fanslau, sexto dono da serraria e

Miguel Poersch, sétimo dono da serraria. Ao que tudo indica, esta alta rotatividade se dava em função da preferência pela terra, sendo a madeira uma passagem não desejada. Vieram, também, Henrique Valdolito Kray, entendido na arte de construir casas, fazendo-as de bom estilo. Era silencioso e preocupado com seu ofício. Como três ou quatro que conseguiram e outros tantos que tentaram, extinguiu sua vida, desanimado ao extremo, ou pelo fardo do trabalho e oscilações do destino, ou, ainda mais, pela dificuldade de sua constituição de suportar perdas e ameaças. Chegou, também, o primeiro açougueiro Jacob Zimmer, ao mesmo tempo que vieram Pedro Birk e José Bokorni, para o cuidado da terra.

Dessa forma, a comunidade tornou-se mais independente, pois suas necessidades podiam ser atendidas ali mesmo.

José Bokorni veio em 1926 e, desde o início, deu-se às preocupações das coisas da comunidade. Carregava a tranqüilidade como se fosse sua filha, jamais precisando alterar sua voz para se fazer ouvir. Nos últimos anos, estava sempre dobrado sobre si mesmo, reverenciando a terra que o sustentara.

Em 1927, chegava Miguel Poersch, trazendo nas mãos o dom de fazer qualquer madeira se submeter às suas intenções. Comprou a serraria, já com máquina inglesa. Ali estava um testemunho do pensamento inglês de querer que mais gente vivesse de seu trabalho, podendo, assim, comprar-se mais das indústrias do Reino Bretão.

Miguel, desde sua chegada, trabalhou sem parar, tanto nos trabalhos da serraria como no ofício de carpinteiro.

Foi na noite da Páscoa de 1938 que um incêndio destruiu por completo todas as instalações da carpintaria e da serraria. José Gutt, que ganhava para tocar o sino, achou-se na obrigação de anunciar, por quase uma hora, o mau momento por que passava a comunidade. Quando chegou a manhã, todos estavam tristes. A comunidade, tendo à frente José Holz, garantiu a Miguel que, muito em breve, sua carpintaria e serraria estariam funcionando novamente.

Miguel comprou uma máquina nova, vinda de Cachoeira e, após nove meses, todos ouviam o som da serra na madeira e o apito ao entardecer, novamente.

Miguel trabalhou, ainda, de 1939 até 1941, quando acabou vendendo a serraria, ficando apenas com alguns bons trabalhos de carpintaria e, no maior tempo, era dado ao cultivo da terra, o qual nunca lhe disse muito. Faleceu, sumindo aos

poucos. Em seu sofrimento está resumida toda a dor dos bons artesãos que aqui chegavam e não tinham outra alternativa que não a de fazer da terra seu objetivo.

Albino Diehl e Lamberti foram os primeiros ferreiros que moldaram o ferro em brasa, de acordo com as necessidades de cada agricultor. Pediam que se fizesse foices, arados, enxadas, pás, escavadeiras, facões, carroças e tudo o mais que fosse necessário para as lides da casa e da roça. Albino trabalhou de 1925 até 1930, assumindo, então, Lamberti que, em 1934, passou o ofício a Hugo Diehl, filho de Albino, que trabalhou até 1941. Edmundo Külzer reabriu em 1950 e, por sua vez, repassou a Simon Diehlschneider, em 1957, a tarefa de fazer do ferro instrumentos a serviço da comunidade. Nos dias de inverno quando, por causa do minuano, ou pela chuva insistente, os agricultores se aproximavam da ferraria, chegando perto do braseiro iluminado por um grande fole, todos sabiam que ali, além das ferramentas necessárias, outras conversas fiadas eram forjadas.

Em 1927 chega, também, Jacó Zimmer que, às quintas-feiras pela manhã, começava a se preparar para prover a carne a todos. Sábado de madrugada, a carne já estava toda em condições de ser vendida, a gosto do comprador. Era nesta manhã da semana que os comentários e preocupações se transferiam rapidamente. Jacó, pelo ofício que ocupava, não tinha medo, tanto assim, que de 1940 a 1945 nunca deixou de falar alemão, obrigando todos a pedir carne na língua que

sabiam falar, desafiando algum alcagüete que por aí estivesse. Depois dele, outros se revezaram na tarefa que Jacó iniciara. Pela ordem, trabalharam: Lindolfo Schmidt, Walter Schaab, Avelino Henges, Aguielo Philipsen, Afonso Simmer, sendo que



Figura 3 - Miguel Poersch e sua esposa Josefina, meses após o casamento celebrado em 1923.

Fabiano Schaeffer também mexia com a arte de dividir a carne do animal inteiro.



Figura 4 - “Nicolau, conforme gosto de eu espírito, amigo das novidades, compra o primeiro carro em 1928”.

Em 1927, foi concluída a primeira Igreja, bem a gosto das casas alemãs. Jacob Schaeffer, José Holz, Otto Reckziegel, Leopoldo Knebel, auxiliados pelos recém chegados José Bokorni e Miguel Poersch, conseguiram animar a todos e, com a contribuição de cada um, foi possível erguer uma casa bonita para elogio ao Senhor e ponto de encontro da comunidade em torno das coisas de Deus.

Durante um ano a Igreja foi ocupada, também, para servir de escola, quando veio uma norma da Paróquia de Santo Cristo, dizendo que as coisas do Senhor eram distintas das coisas do homem e, assim, foi construída uma escola de madeira, que entrou em funcionamento em 1929.

Quando chegou a década dos anos 30, já havia uma rotina e a vida comunitária fluía tranqüila como a água dos pequenos riachos que corriam sem grandes pretensões, se não



Figura 5 - "Em 1927 foi concluída a primeira igreja, bem a estilo das casas alemãs".

a de alimentar os animais. O cultivo da terra e outros serviços traziam consigo uma experiência sem grandes estratégias. Algumas noções da Alemanha e outras daqui, se reuniram para atender à imediata necessidade de sobreviver. A Divisa, como todas as outras colônias, era um receptáculo daquilo que na Alemanha estava demais e em desuso. Aqui, ultrapassou-se a pobreza graças a pequenos espaços de terras, ao d esterno r e à sabedoria de quem não sabia muito mais além de fazer a terra produzir frutos no devido tempo, com técnicas pouco práticas e econômicas. Somente o apego à vida e os sonhos do outro dia subsidiaram os bons acontecimentos desse e de outros lugares.

A Alemanha, que tanta inteligência desenvolveu, não teve preocupação que não a de se desfazer de seus filhos e mandar notícias esporádicas, através de visitantes que aqui chegaram.



Figura 6 - "Apenas um ano a igreja foi ocupada, também, para servir de escola, quando veio uma norma da Paróquia de Santo Cristo, dizendo que as coisas do Senhor eram distintas das coisas boas dos homens e, assim, foi construída uma escola de madeira, que entrou

Para ocupar os últimos espaços que sobravam, vieram, ainda, Fridolino Elli, Guilherme Krein, Pedro Schneider, Helmut Winkelmann, Artur Müller, Bruno Becker, João Kauffmann, Nicolau Knorst, Jacó Breier, Afonso Zimmer, Anton Reis, Cristiano e Pedro Kuhn. Apenas Afonso Zimmer, que mais tarde casou-se com uma das filhas de Nicolau Holz, veio solteiro.

As devoções, dirigidas pelo Professor Schaeffer, aconteciam todos os domingos, com excessão daqueles em que o Pe. Scheuermann, como vigário, vinha fazer uma visita e

celebrar, com a comunidade, a missa. Essa rotina começou com a inauguração da Igreja, em 1927. A partir de 1930, o Pe. Adolfo Gallas começou a imprimir sua orientação muito firme.

A escola era tida como paroquial e toda a filosofia educacional era dada através da orientação dos vigários e dos padres visitantes. Em torno dos anos de 25 a 30, numa verificação do que se estava ministrando, o Pe. Torgler percebeu que havia uma gramática em língua portuguesa. Pediu que o professor tivesse cuidado no uso da língua, pois atrás devinham os costumes daqui, que não eram do inteiro agrado de Deus.

Aos poucos, o pequeno lugar começou a se descentralizar e, mesmo a partir de 1932, já podiam enterrar seus mortos na sua localidade. Das cerimônias fúnebres para as crianças mortas, o próprio professor se encarregava, sendo da responsabilidade de um padre, a encomendação dos mais velhos.

Cada dia carrega seus segredos, que são revelados no transcurso de suas horas. Maus segredos foram revelados nas horas dos últimos dias de 1934 e nos primeiros dias de 1935. Algumas crianças ficaram com infecção intestinal, com manifestação de alta febre. Logo em seguida, começavam a evacuar sangue e, em consequência, enfraqueciam. Entre dois ou três dias, por carência sanguínea, morriam. Como a solidariedade mandava, as crianças da vizinhança iam se despedir daquela com quem até há pouco brincavam. Imediatamente após à visita, as crianças, que até então estavam saudáveis, revelavam os mesmos sintomas da doença tão temida. Chamaram o doutor Zonkopf que, imediatamente, disse tratar-se de uma doença contagiosa e que nenhuma criança poderia ir

visitar qualquer outra criança doente, muito menos ir ao velório. De preferência, nem os pais deveriam visitar qualquer criança que tivesse a doença denominada blutroat (descarga de sangue). Curiosamente, a doença só tinha preferência por crianças e adolescentes. Raras foram as semanas nas quais não se cantou "Maria Zu Lieben Is Das Alies Mein Sin (Amar Maria é todo o meu destino), Triet Her, oh Mensch, in deine



Figura 7 - Em 1929, realiza-se o segundo casamento de José Holz, com sua esposa Ernestina Tachlieber.

Grabe (chega aqui, ó homem, em tua cova) e lungfrau, Wir Dich Grüssen (Virgem, nós te saudamos). Em torno de vinte crianças partiram antes do tempo em que a morte é mais aceitável. O Dr. Zonkopf recomendava que as crianças doentes tomassem Wachholder em cachaça (era uma pequena semente como a da pimenta) e, principalmente, Wechbreit que, ao que tudo indica, é a popular língua de vaca. Por provocar o estancamento do sangue, pode-se concluir que possui alto teor de vitamina K. Juntamente com os medicamentos caseiros, aplicava-se compressas frias para aliviar a febre.

O temor e o desespero andavam juntos, fazendo com que a casa onde estivesse a doença fosse evitada, bem como eram evitados seus moradores. A tristeza e o desamparo nunca tinham sido prestigiados, desde que se formara Linha Divisa, mas agora estavam instituídos como por força de lei.

Foi ao entardecer de um desses dias que Jacó Eich chegou à casa de Miguel Poersch e falou: "Sou pobre, isso todos sabem, mas que meus nove filhos estão morrendo parece que ninguém sabe. Minha filha mais velha, de dezesseis anos, pela fraqueza em que está e pela febre que queima, acho que não vai ver a luz do sol, amanhã pela manhã". Com voz embargada, continuou cansado: "Faz mais de uma semana que, de manhã à noite, eu e minha mulher nos revezamos no cuidado por eles, e agora, Miguel, nós não nos aguentamos mais". Então, Jacó ouviu a voz comovida de Miguel: "Está na hora de mostrar que ainda somos cristãos". E continuou: "Ainda ao anoitecer, estaremos em sua casa para ajudar em tudo o que for preciso".

Miguel foi até à casa de Guilherme Teichmann e ficou combinado que iriam, os dois casais, ainda naquela noite, assistir à família Eich.

Com tochas acesas, logo que ficou noite, partiram em direção à casa de Jacó. Antes, porém, de nela chegar, trocaram as roupas por outras mais leves, junto ao riacho. As tochas ardiam debaixo das árvores, testemunhando aquele gesto cristão. Todos sabiam que poderiam trazer a doença para suas próprias casas, por mais cuidado que tivessem. Deixaram junto ao riacho as roupas mais pesadas, seguindo pela picada sob a luz inconstante, por mais dois quilômetros. Quando chegaram, o silêncio era apenas quebrado por gemidos dos filhos, deitados

em pequenas camas de táboa, repartindo, cada um, a pequena encheraga, com outro. As tarefas foram logo distribuídas. Os homens limpavam o chão e lhes cabia a preparação dos remédios caseiros, que eram consumidos em grande quantidade. As mulheres se revezavam no banho leve das crianças e em ministrar os remédios. Sem descanso, passavam compressas frias nas barrigas dos pequenos doentes. Repassavam as últimas recomendações do Dr. Zonkopf na preparação dos chás e sopas leves. De madrugada, despediram-se, quando já nenhum dos filhos de Jacó expelia sangue ou manifestava febre. Quando chegaram junto ao riacho, trocaram as roupas leves, enterrando-as no mato e vestiram o que usavam antes. O medo de poder transmitir a um de seus filhos aquela doença maldita, era menor do que a satisfação de ter andado em contato tão íntimo com a solidariedade.

Poucos dias depois, a esposa de Guilherme ficou preocupadíssima, quando, ao acordar, percebeu que três de seus filhos estavam com os sintomas daquilo que mais temia. Com a mesma atenção e o mesmo tratamento dado aos filhos de Eich, Ana Teichmann salvou os três dantes de sua casa.

Da mesma forma, se salvaram aqueles que, naquela noite, viram de perto a bondade que chegou à luz das tochas.

O que não podia faltar, faltava: um sino. Como podia viver, uma pequena comunidade de origem alemã, sem a medida do tempo para dizer que é preciso disciplina e organização? Um sino não podia faltar para dobrar com tristeza quando a comunidade estava triste, e para soar com alegria quando o momento era de festa. Os pequenos vales da Divisa estavam em silêncio do som próprio dos vales da Alemanha. Não podia haver uma aldeia que se prezasse, sem um sino para

tocar. As terras todas estavam medidas e ocupadas. Era tempo exato de se dizer que tudo estava pronto. O sino era tão importante como a Igreja, pois por ele se dizia, três vezes ao dia, que Deus existia e ninguém podia se esquecer disso. Com a contribuição de cada família, no valor de trinta mil réis, comprou-se o som próprio da Divisa. Fizeram sua casa, muito forte e de bom estilo e, para mais uma vez pensar no tempo e sua medida, colocaram um galo de latão como enfeite e conclusão.

O dia da festa foi tão empolgante, quanto os dias da preparação. Foi limpadado o mato fino, ficando de pé os coqueiros, guabijuzeiros, angicos e outras árvores de porte robusto. Trouxeram cerveja e refrigerantes de Santo Cristo. Não faltaram os jogos de vários tipos, e churrasco de pôr água na boca. A té mesmo as árvores e pássaros tinham de perceber que algo de especial estava acontecendo.

O momento mais importante da festa seria aquele em que os padrinhos dariam os primeiros toques. Leopoldo Knebel foi quem deu o maior lance, para ter a honra de fazer com que todos ouvissem o som próprio da comunidade. A madrinha foi a segunda esposa de José Holz, Ernestina Tachlieber que, com carinho, tomou as cordas nas mãos e fez o sino cantar um som suave. Curiosamente, quarenta anos depois, quando, como de costume nos passamentos, tocavam funebremente indicando a morte de Ernestina, o badalo do sino caiu no segundo sinal. Alguns comentavam que era o pranto do sino por sua madrinha. Outros diziam que era a lágrima do sino que caíra: seu badalo. Ninguém comentou que ela não precisava mais da medida do tempo e nem de avisos de que Deus existia, já que se fizera eternidade e Ele estava com ela, sem nenhum atrapalho.

No fina! dos anos trinta, Jacó Schaeffer começara a cansar, pelo árduo trabalho e, mais, pela doença dos rins. Assim, foi até 1941, sem vontade de deixar seus pequenos alunos. A pedido dos pais, que avaliavam todo final de ano a aprendizagem de seus filhos, Jacó retirou-se, com tristeza, da escola. Quando faleceu, em 1949, fez-se silêncio em toda a Divisa, a partir das dez horas da manhã do dia 09 de abril. Foram gratidão e saudades que andavam debaixo do laranjal de Jacó, e iam de casa em casa, avisando que ele tinha ido embora.



Figura 8 - "Sob a orientação de José Holz e a habilidade de Miguel Poersch, foi erguida uma casa forte e bela. A madeira era a melhor que a terra produzira. A casa estava feita para um lar".

Ninguém imaginava que de uma década tão ameaçadora como aquela de trinta, pudesse vir outra tão conturbada e intranquã, como a dos anos quarenta.

Em 1942, chegava Júlio Both e sua esposa, Genoveva Liberali, e mais quatro filhos. Como Jacó Schaeffer não estava mais em condições, Júlio, meu pai, foi convidado para tomar

conta do ensino. Logo, pelo domínio da língua alemã, pela prática em aula e outros serviços da comunidade, deu-se bem. Trouxera um harmônio, de Caibaté. Formou um coral para alegrar as celebrações e as devoções de domingo. Por sua firmeza nas decisões e sua honestidade nas propostas, logo foi aceito. A comunidade comprou um lote de terra para que, além das aulas, pudesse tirar o sustento da família pela plantação e criação de animais.

Minha mãe foi quem mais sofreu, pois nunca se comunicara na língua de sons completamente diferentes. Chorou, por vários dias, o fato de morar num lugar tão exíguo, onde nem companheiras teria para dizer o que sentia. Ana Tavares foi-lhe um bom arrimo, e serviu para iniciá-la na arte de dizer sons diferentes. Desde que nasceu, era a terceira língua que devia aprender para dizer as mesmas coisas, e todas as preocupações que são próprias de um pequeno lugar. Afora, devia morar num velho galpão, até que a comunidade construísse a nossa casa. Com certeza, valeu a pena esperar. Sob a orientação de José Holz e a habilidade de Miguel Poersch, foi erguida uma casa forte e bela. A madeira era a melhor que a terra produzira. A casa estava feita para um lar.

Logo que ali meu pai tinha chegado, intensificou-se o sofrimento da perseguição contra os habitantes que apresentassem qualquer sinal que não fosse inteiramente brasileiro.

É verdade que, em algumas cidades maiores, houve um movimento pangermanista que trazia no seio a intenção de fazer do Rio Grande do Sul um pedaço da Alemanha, mas nos pequenos lugares a ordem do dia era apenas o trabalho e a necessidade de sobreviver com dignidade. Despreocupa, dos da

Alemanha que com eles nunca se preocupara, já amavam o solo que os acolhera sem disciplina, mas logo compreenderam que era uma forma de ser de todos que aqui moravam. A consciência popular era de que a polícia civil, a mando de seu comandante geral, estaria a fim de impor uma nacionalização "goela abaixo". O medo, próprio dos que não sabem lidar com problemas, transformou-se em força que castiga indevidamente. A polícia civil de Santa Rosa vinha com forte contingente para Santo Cristo, tendo à frente o comandante Filipe Berbechier. Em Santo Cristo, Artur de Carli, que antes era guardador de cavalos, ávida e obstinadamente anunciava o surto nacionalista. Montou um esquema de vigilância com capangas e inspetoria locais, obrigando os colonos a indicarem os vizinhos que falassem ou praticassem leituras de origem alemã. Tudo, de repente, devia colorir-se de verde e amarelo. Todos pediam, no seu íntimo, o que diz uma canção de A ida . . . "ter de volta uma pátria, poder, um pouco de honra e um nome que aqui deviam ocultar". A humilde gente foi arrancada de suas casas e levada a delegacias e, à base de língua de chimango, deviam cantar o Hino Nacional. Quando a pequena espada, encostada no pescoço pelo soldado, exigia que cantassem o Hino Nacional, só se ouvia o ingênuo agricultor dizer: "canta Brasil". De onde saem tantos sádicos em momentos assim?

Invadiam-se as casas no desejo de pegar, de surpresa, alguém falando alemão. No ar estava apenas o silêncio, revelando que a intimidade fora quebrada e o sagrado, pisado. Na parede, um pano de algodão com uma frase bordada, em alemão: "Deus abençoe nosso esforço". Os capangas invasores, com gestos bruscos, a melhor coisa que suas inteligências podiam produzir, rasgavam o pano como se ali pudesse estar

escrita uma ordem de Góring. Tudo era vasculhado, incluído o galinheiro. As chocas eram enxotadas dos ninhos. Podiam estar ocultando algum livro de instruções ou de canções alemãs. Não estariam pensando, pelo furor manifesto, encontrar um Hitler pequeno de algum livro chocado? O silêncio se fez presente durante quatro anos, no pequeno lugar. Os cantos que se ouviam foram calados, e a noite estava livre apenas para os cachorros. Quando as mulheres se visitavam, falavam muito baixo, pois podia aparecer algum valente soldado de Artur. Quando prendiam alguém, este era levado a Santo Cristo e interrogado sem perspicácia. Porque falava em alemão, o silêncio se fazia. Não seria nada mau entender a questão, se lhe fosse oferecida uma escola qualquer, com um bom professor de sobrenome Lima, Silva ou Oliveira. Havia estórias de que em Porto Novo (hoje Itapiranga, SC) a situação, para o lado dos alemães, estava bem pior. Contavam que havia até fitas de carroças, nas quais eram obrigados a colocar os objetos da casa e com toda a família, estavam sendo conduzidos para a Ilha do Desterro, depois de serem desalojados de suas casas, sem saber das razões porque estariam procedendo assim com eles. Os dias passavam, pesados, e não tinham consciência do que fazer para poder orientar o comportamento de uma forma eficiente. Na escola, foi aprimorada a iniciação da língua portuguesa para todos os alunos, uma vez que vinham, em sua maioria, sem compreensão nenhuma do que se lhes falava em português. Em todas as séries foram introduzidos livros, com todos os conteúdos impressos na língua nacional. Aos sábados, os momentos de apresentação artística, como nos cantos e poesias, eram conduzidos com exigências de que nada fosse fora do contexto nacional.

Os capangas de Artur, uma noite, "visitaram" a casa de Otto ReckzigeL Houve momento de grande susto, quando começaram a revirar toda a casa e, sob ameaças, tudo foi posto fora do lugar.

Os rádios todos foram recolhidos, porque havia medo de que alguma emissora clandestina fosse transmitir comandos de revolta. As armas, incluindo as de caça, foram terminantemente recolhidas ou escondidas. Na Divisa, Jacó Zimmer não se intimidou. Estava sempre armado, acompanhado de uma matilha de cães, fortes e obedientes.

Em 1944, com a criação de uma guarnição militar em Santa Rosa e sob o comando de Celso Pires, houve uma nova política em relação aos imigrantes alemães. Seus discursos, conforme testemunhos, apresentavam os seguintes conteúdos: "Isso que estão fazendo com os agricultores é a mais clara injustiça. Foi o governo brasileiro que os convidou a viver e trabalhar no Brasil. Não é esse o comportamento que se tem com convidados. Se ainda não aprenderam a se expressar na língua nacional, foi simplesmente porque ninguém os ensinou. A primeira reclamação que vier até mim, darei um encaminhamento tal ao processo, que não haverá um segundo infrator contra o bom tratamento que deve ser dispensado a todos que trabalham pelo crescimento do Brasil, muito embora não saibam pronunciar uma palavra sequer na língua portuguesa." Com esta nova proposta nacionalizadora, retiraram-se aqueles que apenas sentiam coragem diante da fragilidade.

Em outubro de 1942, iniciou a mais terrível seca que até hoje se teve notícia em Santo Cristo, e todos os seus pequenos lugares. A chuva somente veio em fevereiro de 1943. Somente

nas fontes do meio da mata se via água, apenas em filetes. Plantou-se milho em fevereiro, com a esperança de que o frio viesse mais tarde, o que não aconteceu. Apenas sobrou para pasto aos animais.

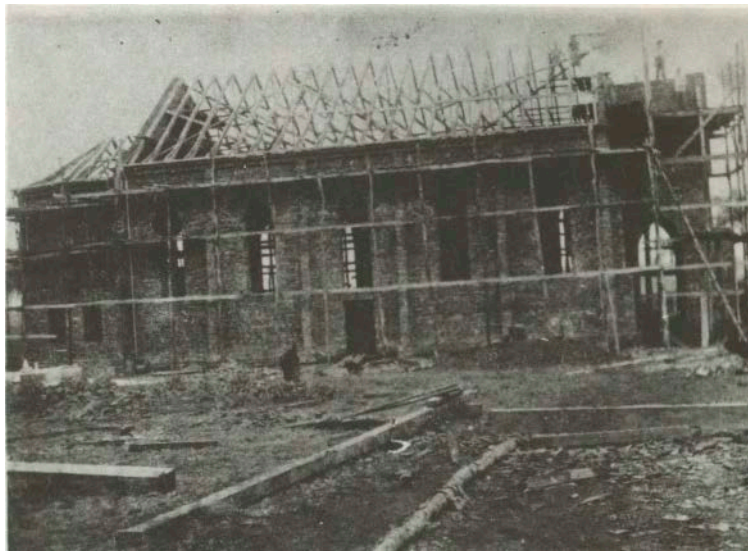


Figura 9 - "Com o nascimento de outros filhos e a vinda de novos habitantes, a igreja tomou-se pequena e nasceu uma idéia que envaidecia a comunidade: possuir uma bela igreja, com uma torre alta, que guardasse o sino e indicasse o céu, foi a necessidade de ascen

Nos anos de 40, várias famílias ainda chegaram. Assim, algumas já começaram a trocar de lugar e outras vendiam algum espaço que consideravam desnecessário. Vieram com caminhão, como desde 1927 já vinham, os de sobrenome Wagner, Wallau, Reichert, Kny, Philipsen, Breier, Backes, Becker, Michels, Birk, Gallas e Habel, sem esquecer de Nonnemacher, que antes trabalhara com Miguel Poersch.

Com o nascimento de outros filhos e a vinda de novos habitantes, a igreja tornou-se pequena e nasceu uma idéia que

envaidecia a comunidade. A vontade de possuir uma bela igreja, com uma torre alta, que guardasse o sino e indicasse o céu, brincou com a necessidade de ascendência de cada um. Por força de mais um costume dos imigrantes, o pensamento converteu-se, rapidamente, em organização e correspondente ação. Grupos foram determinados para tarefas diversificadas e, em reuniões semanais, todos acompanham os progressos realizados. José Holz, meu pai, Leopoldo Knebel, Miguel Poersch e José Bokorni estavam à testa do empreendimento, cada dia mais animados. Escalavam-se grupos, ordenados por uma equipe permanente, e o trabalho rendia a olhos vistos.



Figura 10 - "Escalavam-se grupos, ordenados por uma equipe permanente, e o trabalho rendia a olhos vistos" Aqui está um grupo na pedreira do Sr. Gauer, e José não podia faltar em atividades da comunidade.

A inauguração aconteceu em 1949. O erval, ao lado da nova igreja, tornou-se pequeno para a festa. Havia música no ar. Os discos rodavam rápidos e as dedicatórias encantavam a muitos.

Havia o grito do leiloeiro. Como esquecer a banda improvisada e alegre? A zoeira mexia com todos. Afinal, um a um tinha merecido aquela oportunidade. Não estava à mão de qualquer comunidade exibir uma igreja daquele porte e beleza!

A igreja velha passou a servir, exclusivamente, de escola e no final daquele ano repetia-se, em ambiente diferente, a avaliação do rendimento escolar. Vinham os professores das localidades vizinhas, para apreciar o que as crianças aprenderam pelo esforço de meu pai. Várias pessoas da comunidade marcavam presença obrigatória na avaliação. Havia, além do gosto especial do fim de ano, a fala de todos como elogio do templo verde.

Professor, alunos, comissão examinadora, membros da comunidade, perfilavam-se e cantavam o Hino Nacional e, logo a seguir, o da Bandeira. Entravam na escola tendo a certeza, tanto a comunidade como o professor, de que os alunos sair-se-iam muito bem das exigências que seriam feitas à inteligência de todos os pequenos.

A partir de 1955, outros professores, sem no entanto manter um vínculo tão duradouro, prestaram seus ofícios ao bem da educação da criançada: Silvio Both, apenas formado na boa escola para professores rurais, de Cerro Largo, José Ewald, Pedro Aloísio Weber e Roque Afonso Schaeffer. Atualmente, a boa preocupação está nas mãos de Bento Félix Both, que começou em 1958, com Carlos Roque Both, iniciado em 1968 e, ainda, com Celino Reichert.

III — DE LINHA DIVISA PARA SEUS FILHOS MENORES

3.1 — NA CABEÇA DAS CRIANÇAS, HABITAVAM MISTÉRIOS

Pouca coisa é mais interessante que correr-se sobre a terra recém lavrada, mais ainda, quando está perto do mato. Ali, no canto, estava armada a arapuca, debaixo do pé de canela, na esperança de apanhar alguma pomba faminta e distraída. Mais correu o grupo de meninos quando percebeu que a arapuca estava caída, mas, apenas um pássaro colorido estava preso e se debatia, tentando sair. Foi tirado com cuidado e todos perceberam o desespero do pequeno animai. Aqueles pequenos olhos invocavam a liberdade, tão intensamente quanto a força que o segurava. Os pés pisando a terra revolta, a brisa da mata, o sol livre do atrapalho das nuvens e o grito de todos os pequenos pássaros da beira, invadiam com decisão o espírito e, por força de tudo isso, decidiu-se por dar Uberdade ao pássaro. Logo em seguida, no alto do angico seco, ele limpava suas penas, reconciliando-se com a floresta.

Não muito longe desse lugar, estava o sino em sua casa, e sobre ela, o galo de metal que rodeava conforme o vento. Ainda mais próximos, ficavam a igreja e o cemitério, onde estavam enterradas as ligações do passado. Nas pedras, apenas: "saudades eternas". Depois que o sino era tocado, ao entardecer, começava a transformação. Nada mais era tão claro e, em tudo, o mistério colocava o seu dedo. Ficava-se com um natural medo de que algo pudesse acontecer de improviso e, então, não se tivesse controle. Mas cada um queria mostrar que

estava acima do desconhecido. Com o bodoque, tentava-se acertar o galo sagrado da casa do sino. Com certa culpa, eram atiradas as pedras para ver o galo rodear. Na mata, alguns pássaros começavam seu canto terno e estranho, acarinhando a noite que chegava e pedindo-lhe que fosse demente. Quando o bodoque era erguido, em dado momento, ali perto, na mata, um pequeno pássaro chingava: pschsersch! O resto era silêncio e medo. A luta contra a proibição do pássaro era grande, novamente tentava-se ferir o galo, mas vinha a voz da mata: pschsersch!

Quando o medo se tornava maior, era difícil o primeiro passo para a corrida, mas depois, a coxilha era devorada pela velocidade das pernas e já não se ouvia o pássaro que protegia o galo de metal.

A igreja nova começou a ser construída em 1947 e os andaimes eram uma provocação para quem quisesse olhar a vida de cima, pois apenas sabíamos olhá-la pela altura que tínhamos. Nos dias de chuva, quando ninguém ficava por perto, subia-se tranqüilamente uma vez que ninguém estaria vendo Para dizer impropérios. E assim fizemos naquela tarde, como já o tínhamos feito em outras. Mas, como a vida reserva a si os principais cuidados, deixou, para proteção do grupo, um cachorro mudo e preto que nos olhava com severidade. Com gritos, tocava-se o cachorro daí, sem, no entanto, conseguir o intento, pois parecia que estava paralizado. Era como o protetor das coisas da igreja. Pedços de madeira eram atirados para ver se o animal ia embora, mas o resultado não passava daquele olhar acusador. Estaria admirado de ver como os meninos podiam subir tão alto? Alguém acertou-lhe uma lasca de madeira, mas era como se o destino o tivesse pregado ao chão.

Para felicidade geral dos meninos, chegou um dos construtores e o animal, em silêncio, se retirou. A descida foi para humilhação de todos, já que nenhuma palavra foi de elogio à coragem.

Um ano mais tarde, logo depois que a torre ficou pronta, o sino começou a ser tocado em seu novo lugar e lá, ao entardecer, se dizia, em alto e bom tom, para quem quisesse ouvir, que a voz dos pássaros do dia claro estava dando lugar aos do entardecer, que os bois teriam um período de descanso e que as vacas deviam soltar o seu leite e que todos, enfim, deviam iniciar com os deveres próprios da noite, sem esquecer de que eram filhos de Deus. Quando se puxava a corda, havia a sensação de que se distribuía o tempo ao gosto de quem o tocasse.

A vida espreita pelo olhar de seus filhos, mas, pelo olhar de uma coruja ela perde a elegância e espia voluptuosamente. Havia uma coruja branca que, da torre, fez sua habitação. Parecia ler os pequenos pecados que, através daquele olhar, eram ampliados. O melhor que se tinha a fazer, fazia-se: jogava-se algumas pedras que não eram acertadas por estar muito distante. Depois, corria-se para casa para esquecer daqueles olhos.

No pequeno lugar, aos meninos e meninas, qualquer ameaça inofensiva parecia-lhes fantasiosos perigos. Na verdade, para as crianças, existe tal transformação da realidade que esra^as torna moldável como o barro. Um pequeno sinal de alerta, sendo apropriado pelo pensamento infantil, pode ser visto como infinito castigo ou morte eminente.

Nas vezes em que, a mando dos pais, se levava uma mensagem ou notícia para os vizinhos, ou nas visitas de

domingo, não raramente, ia-se por estreitos caminhos, onde a luz do sol mal-e-mal penetrava. Quando em grupo, todos se enchiam de valentia, mas, quando a sós, o medo tornava-se um companheiro inseparável.

Os insetos faziam sua morada predileta ao tonto do caminho. Quando juntos ciciavam, cricrilavam e chiavam, mostrando no barulho a sua defesa, a corrida, sob os galhos que se cruzavam, era natural e veloz. Bastava um tropeço, ou o vôo assustado de nhambu, para o choro sair solto. Mais os insetos se animavam e os soluços complicavam a respiração. Quando se chegava ao final do túnel verde, o alívio tomava conta do corpo. Mais terrível e misteriosa, estava a estrada do cemitério, para os garotos. Os irmãos mais velhos, com a conquista de um pensamento mais lógico, inventavam estórias de aparições sobre os pobres túmulos. Dizia, um, que tinha visto uma luz que girava sobre a cruz daquele que há muito se suicidara. Dizia, outro, que havia um fantasma que tinha a mania de tocar gaita de boca por entre as pedras erguidas. Maldito o momento em que, ao entardecer, os pais mandavam seus filhos menores dar recados para os moradores cuja estrada passasse ao lado do cemitério. Para evitar as brincadeiras dos irmãos, fazia-se de conta que tanto dava ficar aí, junto deles, ou dirigir-se na direção da casa dos mortos. Apenas o coração sabia a diferença.

Quase todos os momentos levavam a que se tivesse atenção. Devia-se estar atento, porque se levava a pior, ou se perdia o melhor, quando a distração orientava o comportamento da criança. Por vezes, os pais puniam pela desatenção, mas a maior perda estava em que a vida não oferecia oportunidades e, principalmente, castigava quem não estivesse de olho no que fazia. Ora um buraco, ora um

manduruvá. Aqui, um arbusto com espinhos, ali, um estrepe. Mais acima, um ninho de marimbondo, ou mais abaixo, uma cobra. A atenção, ao contrário, fazia sucesso. Logo em frente, um pé de ariticum, ou no toco, um ninho de mirim. Por perto, o papagaio dorminhoco num galho seco, ou mais longe, uma saracura das grandes. No cinamomo, o canário cantando ao meio-dia, no chão, o ninho de tico-tico. Enfim, o cuidado com a natureza trazia bons resultados. E foi assim, atentos, que os meninos ouviram uma fonte debaixo da terra. Ninguém pensou que, debaixo da terra, um veio de água pudesse fazer o barulho próprio das fontes. A fantasia afirmava ser querosene ou gasolina. Alguém disse que poderia ser um líquido ainda não descoberto. Como o objetivo era emocionante, os instrumentos logo apareceram: uma picareta e uma pá. Ao cavocar, encontrou-se, antes da descoberta principal, um pequeno objeto colorido, vermelho berrante e verde bonito. Tinha gosto de Natal. O grupo ficou encantado com o presente que a terra oferecia. Foi lavado com cuidado e revelou-se por completo. Era um apito. Cada um tinha o direito de assoprá-lo uma vez, para dizer que o grupo o possuía. Logo a seguir, continuou a escavação. A decepção foi grande quando se descobriu que o barulho se havia transformado em água suja e nada mais. Os instrumentos foram guardados, e novamente se caminhava, pois, tinha-se muito a fazer.

Algumas vezes, não se precisava de esforço. A própria situação impunha seu encanto. A noite de Natal custava muito a passar. Ainda de madrugada, o sono se despedia e o coração animava o corpo com suas batidas fortes. Como a noite põe pesares sobre as coisas, assim a madrugada, com sua pouca luz, tinge os objetos de poesia. Pela porta da sala, em alegre silêncio, olhava-se os brinquedos e o papel brilhante dentro dos

pratos brancos. Não dá para esquecer a janela que deixava a madrugada entrar e também participar da festa.

Também a água tinha um poder de atração muito grande. O açude de Otto Braun! Suas águas paradas e fundas apresentavam-se como uma provocação. O perigo de afogamento estava sempre presente, já que ninguém sabia nadar. Ficava-se nas bordas, mas a provocação estava lá no fundo. Num domingo à tarde, quando toda a garotada tinha partido, restando apenas o Egon Vier, que parava no Seu Bokorni, e eu, foram trazidas do Külzer duas pranchas. Lá fomos os dois, nus, sobre as pranchas, em direção ao meio. O riso saía contente e nervoso. Rodávamos como dois navegadores, fazendo, dos braços, os remos e tendo, abaixo de nós, a água profunda. O desafio de estar sobre a água facinava. Porém, como sempre, quando a segurança é plena, o limite apareceu. Sem mais controle, as pranchas se chocaram. Os dois fomos ao fundo sem, no entanto, deixar de, com uma mão, agarrar o salvador pedaço de madeira. A margem, que antes fora desprezada, tornou-se uma companheira bondosa. O corpo tremia, mas o orgulho de ter ido ao fundo ninguém poderia nos roubar. O pior ainda esperava. Alguém, por detrás das árvores, espiara e correu para dizer ao Braun o que tinha acontecido. O desafio do açude tinha sido vencido, mas o discurso ouvido, no meio da garotada, não foi propriamente um elogio ao feito. Todos riram da cara dos aventureiros e aquela tarde foi morrendo devagar. O sino não foi tocado, e se fosse, dobraria a finados, tão humilhante terminara a façanha de andar um momento sem cuidado. Quando todos os garotos partiram para suas casas, o Otávio Philipsen tinha um olhar envergonhado. Nada foi dito. Apenas dois rostos manifestavam decepção

Se um açude tem mistérios, quanto mais o comportamento humano!

No domingo, logo após a devoção, foi dado o aviso de que, na segunda-feira, todos deveriam fazer o mutirão para arrumar as estradas. Mal o sino tinha sido tocado pela manhã, e lá estavam todos com pá, picaretas, enxadas, foices e rastéis. As orientações eram dadas e o trabalho começava. Como era bonito o caminho depois que eles passavam, deixando-o novo. Havia uma compenetração alegre, quando faziam a arrumação da estrada. Pouco mais de meia-tarde, alguém apareceu, trocando as pernas e gritando como se tivesse um fogo a queimar-lhe a barriga. No final do trabalho, muito cansados, resolveram brincar de quem tomaria mais. Aquele que mais tinha a esquecer, a solidão e a falta de prestígio, entrou no copo e, agora, vinha desesperado, perdendo-se pela estrada.

Em frente à casa de meu pai, caiu estatelado, sempre gritando. Teria alguma visão estranha? Doía-lhe muito a bebida, queimando-lhe o ventre? Ou estaria, assim, demonstrando seu aniquilamento?

O melhor que se tinha a fazer estava em contemplá-lo, gemendo, agora no chão. A imagem era tão forte, que inibia qualquer reflexão. Apareceu o patrão do rapaz, o Seu Reichert, gritando em altos brados contra o capataz que tinha permitido aquela barbaridade. Dizia que um tiro de chumbo estaria caro para um homem tão irresponsável. Continuava, depois, a desejar a morte de diferentes maneiras a todos os que estiveram juntos naquela tarde. Minha mãe preparou uma xícara de café forte. Trouxeram uma carroça e, ainda babando, colocaram-no jogado no fundo. Conduziram a carroça para a casa de seu patrão, pois naquele momento o pobre rapaz não possuía nem

a si mesmo. Que segredos queria esquecer o rapaz, naquela tarde? Estaria muito triste, ou com raiva, para se ferir assim? Ou, talvez, fosse bom sentir-se tonto até cair? Mas porque gritava, então, tanto assim? A pouca coisa sabia-se responder, e o mistério estava junto com a maioria das coisas.

Assustador e distante era o velho "Landsman", o fazedor de poço. passava dias inteiros no fundo do poço da igreja, tirando terra e mais terra. Quando saía, olhava em silêncio, tentando descobrir o que estava ao redor. Seu rosto escuro assustava a toda a criançada. Era um velho só, e em torno dele criavam-se fantasias carregadas de medo.

A solidão não se apresentava nada bem na pessoa do velho Landsman (homem da terra). Na verdade, assustava aos pequenos com o seu jeito distante e misterioso, e se, por acaso, se encontrasse o velho na estrada, o que mais se desejava, era vê-lo pelas costas e bem distante. A noite, sonhos cheios de demônios ameaçadores atormentavam o descanso. Alguns, usavam o chapéu de Landsman.

Seria a pobreza e o abandono, a solidão e o desprestígio, ou a possibilidade de entender quem era que fazia tanto pavor às crianças?

Foi numa manhã, e era dia de sol forte, quando, na estrada empoeirada, foram vistos os cavaleiros maltrapilhos. Na frente, um mulato envelhecido bradava: "Viva o gaúcho! Viva meu cavalo Pangaré!" A cena estava triste para quem quer que a olhasse. O cavalo estava cansado e magro e os que acompanhavam a pequena caravana contradiziam completamente a animação do cavaleiro. Mais triste foi quando o cavalo começou a fraquejar e desmontou-se sobre si mesmo. O gaúcho maltrapilho ficou acorado sobre seu cavalo morto.

Afastou-se, com tanta tristeza, como se seu destino ali tivesse acabado. Os outros olhavam, sem jeito, para o animal que tinha sido companheiro numa viagem que levava pouca esperança.

Ninguém dos meninos achou a cena engraçada, mas todos olhavam, espantados com o silêncio dos cavaleiros que desapareceram na curva, perto da casa do Serafim Schaeffer. Fomos até a curva e ainda vimos que entraram na venda do Braun para desafogar todas as mágoas num trago.

Bem do outro lado da colina das terras do Teichmann, morava um velho estranho. Quando, nos dias de mu va, pescávamos em seu potreiro, tinha-se a impressão de que, a qualquer momento, ele pudesse aparecer. O medo estava em que pudesse fazer desaparecer algum pequeno. A torcida crescia para que os peixes entendessem que deveriam morder rapidamente a isca. Algum "krunzel" (espécie de jundiá) preguiçoso sempre andava dando sopa no riacho do velho assustador. Logo adiante de sua casa, havia uma cascata, sobre a qual se dobravam árvores contorcidas, parecendo dizer coisas profundas para as águas que caíam. As águas respondiam em sons que faziam a garotada se calar. Daquela água represada, encostada na pedra, descansando depois da queda, os pescadores esperavam tirar grandes peixes (ao menos um jundiá de palmo e meio). Olhava-se para as pedras como se elas pudessem esconder um bom presente. Para todos os meninos, a maior emoção estava em tirar um peixe grande e forte daquelas águas paradas e mansas. Naqueles momentos de silêncio, a natureza, com sua harmonia misteriosa, penetrava tão intimamente, que não dava chance a qualquer idéia. Estavam todos contemplativos.

De todos os mistérios, para as crianças, dois se tornavam destaque sobre os demais. O fantasma ou alma em que todos se transformavam depois da morte e a loucura de dois outros filhos da Divisa. Mas, também, nada mais provocador para o grupo de meninos que enfrentar os riscos daquilo que ainda estava desconhecido.

Quando, num sábado à tarde, a ordem dada foi de buscar milho, com o jabureco de Jacó Holz, na casa de Guerler, sentimos que esse seria o momento de nos aproximar e ver de perto como se davam a conhecer os mais estranhos do lugar. Foi uma partida gloriosa por duas razões: a aventura de mexer no desconhecido e andar de jabureco. A casa mais humilde pertencia ao velho Guerler e até se pensava que de tanta pobreza, sofrimento e abandono em que vivera desde a infância, nada mais restava do que ter filhos muito doentes da cabeça. O que importava não eram as explicações, mas conhecer face-a-face o transtorno da natureza.

Enquanto meu pai conversava com o velho, o mistério chamava do silêncio da casa. Meu irmão disse: "Vamos lá". Esse apoio era o que faltava. Não vimos nada na porta da frente. Quando espiamos nos fundos, pela pequena porta entreaberta, eis que lá estava o ser desconhecido. Seu rosto descomposto e seu olhar sem destino fizeram acelerar o coração. Suas roupas rasgadas sobre o seu grande corpo desfiguravam ainda mais sua fisionomia humana. Ao começar a caminhar para os dois curiosos, o medo se fez pavor. A coxilha feita de pedra tornou-se um campo de flores e grama.

Também naquela noite os sonhos estavam cheios de mal ameaçador, personificado em animais com força descomunal. Que havia lutas, havia!

3.2 — DOS BONS E MAUS SOFRIMENTOS

Quando, nos meses de abril ou maio, o inverno dava seus primeiros sinais, os usos do vestuário não acompanhavam muito bem as exigências do frio. Na verdade, os costumes e o tempo das geadas não se davam muito bem. Todos os alunos subiam descalços para a escola. O frio, simplesmente, devia ser suportado. Os pés em contato direto com a geada, o tronco mal agasalhado faziam doer a coluna dorsal.

Até os pequenos do primeiro ano lá estavam. Além do sofrimento que o tempo lhes impunha, eram obrigados a falar na língua que não lhes dizia muito respeito, uma vez que todas as suas preocupações, até então, sempre foram ditas em alemão.

Na hora do recreio, com a grama seca, eram construídas choupanas e perto delas acendia-se a fogueira para acalmar a dor da espinha e aquecer as mãos enregeladas.

Outras vezes, para esquentar o corpo, jogava-se o "porquinho". Fazia-se um círculo de buracos distanciados e um no centro. Uma pequena bola de madeira deveria ser conduzida pelo perdedor até o buraco do centro, o que, com todo o esforço, os outros impediam. A arte estava em jogar o porquinho o mais longe possível, com uma pancada de um taco de madeira. Se o perdedor, enquanto era dada a bordoad, conseguisse colocar seu taco num dos buracos vazios do círculo, o dono dele passaria a ser o tocadador do "porquinho". Com toda essa movimentação, o frio ficava esquecido e o corpo bem aquecido. Como esquecer o choro do menino Lindo? Por ser gordo, tinha dificuldade em ser rápido na proteção de seu

buraco na terra, ou de conduzir o porquinho até o centro, já que dava condições a que todos pudessem tocá-lo para bem longe. E vinha o menino rechonchudo, chorando e conduzindo o seu porquinho ao toque do bastão, tentando levá-lo ao seu destino.

Sofriam todos com o inverno, quando ao cair da tarde, com a chuva fina e o minuano soprando, devia-se fazer o pasto. Além disso, os bois morosos e a semi-escuridão eram limites no trabalho. Mas tudo era feito como se o destino fosse inquestionável. As mulheres, na estrebaria, tiravam o leite sem pressa, mesmo que o vento frio, por entre as largas frestas, cantasse desafinado. O lampião de querosene, em casa, era aceso pela filha mais velha. Era sua obrigação lavar os pequenos e alimentá-los. Na hora da mesa, todos rezavam o Pai Nosso, com a cabeça dobrada sobre o peito, na entrega amorosa da jornada. À noite, um vizinho visitava o outro, não importando o frio, como se a amizade e o calor da conversa pudessem espantar o minuano que vinha da direção das Missões. Mais parecia os índios mortos em Caibaté que, de noite, na carona do vento, ainda gemiam. Certamente não eram, mas se fossem, assim o fariam.

Quando meu pai, nesses dias frios, contava histórias dos índios que corriam livres no campo, e de como tinham morrido pelas armas dos bandeirantes e espanhóis, a imaginação dos garotos fazia, do vento que soprava na rama dos coqueiros, os gemidos dos índios que morriam no campo. Olhava-se pela janela com verdadeira tristeza. Alguns choravam de vergonha e culpa por aquilo que tinham feito à gente indefesa. A minha imaginação corria solta. Pensava que, há poucos anos atrás, buscavam erva e caça ali, na Linha Cascata, e os imaginava correndo em torno da escola. Montava no pingó de Sepé e ia

ver São Miguei. Então, meu pai dizia para prestar atenção. Os índios, em silêncio, se retiravam. Estava na hora das contas, ou dos rios do Brasil.

O sofrimento da natureza e dos homens se misturava. Na medida em que a comunidade aumentava em filhos, aumentavam as derrubadas. Como outubro sabia ser implacável. Na proporção em que iam sumindo as árvores, ia desaparecendo o segredo da floresta. Tudo se tornava desnudo, o sol atingia, causticamente, o chão desprotegido. As queimadas faziam o horizonte encher-se de fumaça e pensavam, as crianças, que fossem os resultados da guerra. A batida seca e constante dos machados destoava do canto dos pássaros e de todos os ruídos da mata. Quando uma árvore, gemendo, começava a cair, os derrubadores berravam com orgulho sobre a lenha estendida e sem jeito. Era o terrível sofrimento da mata. Os pássaros voavam espantados. Os papagaios perdiam os seus ninhos. O musgo era queimado pelo sol e os insetos paravam de chiar, em protesto ou com medo. Em seguida, a árvore passava a ser desgalhada. O tronco, cortado como tora, era arrastado para a estrada. Esperava-se o período de um mês, até a mataria estar seca, e vinha o fogo para completar o serviço. Em pouco tempo, estava pronta a roça nova. O milho era plantado. Nos dias de chuva, os vizinhos que caçavam iam contemplar o grande feito. Foi de tanto cortar as árvores mais altas, que a gralha azul desapareceu. Não sobrou mais a árvore seca para o papagaio dorminhoco. O uru não tinha mais como proteger sua comunidade, nem porque, ao anoitecer, fazer hinos à floresta. A saracura perdeu seu lugar à beira dos riachos e dos matos, e onde cantar? Foi neste lugar que a natureza de Santo Cristo mais se ressentiu no envelhecimento.

Quando chegava a noite, as árvores, contra o céu ainda claro, permitiam que a meninada, nelas, vissem os bichos mais curiosos. Uma árvore frondosa se transformava num leão, outra, num camelo. As menores, tinham o feitiço do macaco. Na imagem dos animais que se aproveitavam das frondes, o dia se despedia. Aos poucos, não sobraram nem mesmo as melhores árvores dos capões, afugentando os animais das frondes com o arrepio de suas folhas.

Nas enchentes de outubro ou novembro, ou antes até, vinha o sofrimento da terra que, ao lavar-se, perdia o melhor de sua fertilidade. Dizia-se, então, que a terra se cansava. No fogo, boa parte do húmus se fora, e na enchente, ia-se o resto. A inda hoje paga-se caro pela tecnologia dos fertilizantes, para corrigir o que naquelas enchentes se perdeu. O terraço não se fazia e a curva de nível nem em sonhos existia, e a água indômita rasgava valetas, impiedosamente. A terra, em pouco tempo, ainda com o sinal dos troncos cortados, vestia-se de capoeira, habitação de lagartixas e preás. Será por isso que a gralha azul, antes de ir embora, tanto xingava, pulando de galho em galho? Não será possível devolver à Divisa um pouco de sua mata? Como criar o equilíbrio entre a sobrevivência dos filhos e a necessidade da mata? Será que, na Divisa, ainda poderá haver a reconciliação da natureza com uma tecnologia apropriada?

Além das chuvas, o calor, às vezes, trazia o demônio irrequieto da tempestade. Foi assim que aconteceu em outubro de 1949. Uma tempestade de pedras destruiu todas as plantações e as copas das árvores, para desespero dos pássaros. O vento, agressivo, auxiliava na devastação. Ainda bem que a segurança era dada pela estrutura das casas, com vigas de madeira de lei. No outro dia, quando o sol já permitia olhar, não

era possível tirar outra conclusão que não a de que a natureza havia cometido um gesto de autodestruição. O barro e as folhas misturavam-se com as pedras. Pouco acima, estavam os galhos embranquecidos pelas pedradas. Não havia coisa melhor para a natureza fazer a si mesma em tempo de primavera? Dava dó de vê-la nua e mal amada. Porém, o céu estava limpo de nuvens, como que dizendo: "Não tenho nada a ver com isso". Os agricultores caminhavam entristecidos pelas roças uns dos outros, animando-se mutuamente.

Poucos dias depois, as sementes eram replantadas e todos diziam: "Ainda bem que foi em início de novembro, já que, se assim não fosse, não daria para fazer novo plantio".

Quando não a tempestade, poderia vir o demônio pacioso da seca. Normalmente, pelas três ou quatro horas da tarde, começavam a aparecer nuvens que brincavam com a esperança dos plantadores. Invocavam-se as nuvens para que tivessem dó do milho encharutado para, logo em seguida, serem olhadas com raiva, quando rumavam para os lados de Santa Rosa sem deixar, ao menos, alguns pingos para frescor da plantação.

A dor da terra seca e rachada fazia machucar, um a um, os moradores do pequeno lugar, e a conversa de todos não passava de um diálogo ou monólogo sobre a chuva. Mas quando o tempo, em silêncio, tecia um teto compacto de nuvens, a tarde levava jeito de estar parada, fazendo o ben-te-vi cantar sereno. Era o momento da chuva. Podia-se ver a alegria dos plantadores, montada na brisa dos primeiros pingos. No outro dia, andavam descalços pelas roças, deixando que a água das plantas molhasse seus ombros. As conversas saíam fáceis das gargantas molhadas.

Castigo não menor que os anteriores, inflingiram os gafanhotos, em 1948. Os primeiros rumores diziam que viriam famintos e em tal número que fariam o sol desaparecer. Meu pai, atento a todas as preocupações da comunidade, dizia aos pequenos, que prestavam atenção: "Amanhã ou depois virão os gafanhotos. Não poderemos acabar com todos eles, mas suas nuvens deverão diminuir na Divisa". Explicava, então, como os ovos deveriam ser destruídos. Desenhava no quadro uma valeta e como fazer para enterrá-los.

Pouco além do meio-dia, apareceram. Estavam todos emocionados ao conhecer e destruir os primeiros. Os meninos se sentiam como os cavaleiros protetores do lugar, mas os inimigos atacavam de todos os lados. Com os braços cansados de tanto matar, todos iam dormir, sabendo que, à noite, o inimigo se multiplicava. No outro dia, a ordem era: "Valeta aos ovos de gafanhotos". As crianças levavam a sério o comando, como se delas dependesse o extermínio de todos eles. Depois de uma semana eles, aos poucos, foram se retirando, mas das plantações sobraram os tatos despídos de suas folhas.

Os alunos estavam tristes e com grande sentimento de impotência. Meu pai falou: "Os gafanhotos fizeram muito mal, mas as nuvens diminuíram. Se outras Linhas terão menos gafanhotos, é porque a luta valeu a pena". Todos ergueram a cabeça.

Quando chegou o sábado, a lição de Religião tratava das pragas sofridas pelos egípcios, e todos elegeram como a pior aquela dos gafanhotos.

Assim como o inverno apresentava limites para a realização das tarefas da produção da terra, também o verão não se mostrava tão gentil. A terra se mostrava pródiga, mas além

de outros cuidados, exigia o da carpida, para que a pequena planta não fosse sufocada. Quando, no final da manhã, o sol se apresentava forte, o sacrifício da carpida tornava-se insuportável. O milho ficava ressequido e suas folhas cortavam os braços desprotegidos. Produzia-se um ardume irritante quando o suor escorria sobre os pequenos cortes. Mais irritante ainda se tornava a ardência, quando a folha pegava o pescoço. Incautamente, levava-se a mão para protegê-lo, e, então, o suor misturava-se à sujeira das mãos, aumentando o desconforto. E o que dizer do pó do pendão e das pequenas formigas, quando caíam sobre a pele suada e desprotegida?

O corte do pasto, no verão, apresentava obstáculos que, às vezes, faziam desanimar a boa vontade de qualquer cortador. O capim elefante, se não colhido pela manhã, tornava-se espinhento, Ao cortar ou carregá-lo, suas ferpas transparentes atingiam a pele, acabando com a paciência do mais cristão dos agricultores.

No tempo dos anos quarenta, a terra só dava seus frutos quando o plantador se curvasse constantemente sobre ela. Como esquecer o velho Bokorni, o velho Müller, e com eles todos os velhos que caminhavam dobrados sobre si, aproximando-se da terra, como a querer ouvir algum segredo que ainda não conheciam? O corpo parecia acostumado ao convívio do chão e, ao envelhecer, tinham as mesmas virtudes da terra: bondade e exigência. Quando morriam, a terra apenas se tornava a companheira única e definitiva, e nada mais havia de estranho nela. Foi numa caminhada que José Holz, ao passar dobrado sobre si, perto da figueira brava que o acolhera na primeira noite, caiu sobre a terra, morrendo com seu rosto colado a ela.

Se alguém for à Divisa e passar peio pedaço dos mortos, não se assuste se algum velho se levantar. Ê que ele não se desacostumou de cuidar da terra. Ajude-o, para que o trabalho lhe seja suave. Ao menos, limpe o milharal e corte o capim.

A morte sempre chocava muito. Durante a vida, ninguém levava jeito de mostrar carinho e amor um pelo outro, dentro da família, mas quando a morte levava alguém, a expressão da dor pela ausência, se fazia em gestos até de desespero. Os cantos em memória dos mortos traziam consigo a indicação do desconsolo em que ficavam os familiares. Crescia, com os cantos, a dor lancinante, e bradavam, todos os da casa, sua inconformidade com a partida, principalmente com o som da terra sobre a madeira. Mesmo a certeza da Ressurreição não se manifestava suficiente para diminuir as lágrimas dos que ficavam.

Os obstáculos ao prazer não se davam apenas no relacionamento da natureza com os homens e daquela com estes. Os maiores limites estavam no próprio relacionamento humano, sendo alguns, inquestionavelmente, necessários.

Nas crianças, punha-se muita culpa e os mistérios terríveis da eternidade. O inferno existia e a cabeça queimava só com a idéia de seu fogo. Como se não bastasse o fogo, nele habitavam demônios de pouca amizade. Suas carrancas, perto do que deles fazia a fantasia, eram sorrisos sinceros. A culpa fazia parte do dia-a-dia, ou porque se olhara, excitadamente, animais em acasalamento, ou porque impropérios se dissera. Enfim, o inferno estava como pano de fundo em todas as pequenas falhas, e mais culpa havia para quem dele duvidasse. E o céu, o que era além da contemplação de um velho por uma eternidade?

Como se fosse uma montanha rochosa, assim era a eternidade. Se um pássaro, de cem em cem anos, viesse limpar seu bico sobre ela e, dessa forma, a montanha se gastasse, a eternidade teria dado seu primeiro passo para uma caminhada de quilômetros sem fim.

Desta forma, bem pior que o inverno, estavam, para as crianças, o céu e o inferno. Além das promessas, os pais indicavam o caminho dos costumes, com severidade nas punições.

Havia uma táboa de mandamentos, inscrita na mente dos pais. Eram os valores que, em hipótese alguma, poderiam ser deixados de lado. Na verdade, consistiam nas orientações vitais, as quais consistiam, para a garotada, em normas impossíveis de serem transgredidas. Se alguém, por distração ou ousadia, não as respeitasse, podia contar como certa a punição. Temiam os pais, que, se os filhos não tivessem o mínimo regime disciplinar, não teriam como orientar o comportamento, transformando-se em pessoas sem controle próprio, egocêntricas e perigosas para a comunidade. Os costumes diziam bem alto por onde se podia ou não caminhar. Todos os pais zelavam para que seus filhos tivessem em conta que deviam ser respeitados por todos, e isso somente ocorreria, se soubessem amar as normas comuns. O regime impedia que cada um seguisse o seu destino. Deviam todos responder pelo que tinha sido tratado, para que os acordos estabelecidos fossem cumpridos até o fim, custasse o que custasse. O trabalho tinha o sentido de produzir o próprio sustento, sendo a preguiça irremediavelmente punida. Temiam, os pais, que seus filhos fossem apontados como aqueles que não soubessem prover o alimento, consistindo, isso, na maior vergonha dos pais. A

desonestidade era tão temida como a peste da qual se deveria fugir. Ao menor sinal de que alguém dos pequenos pudesse ter algo que não lhe pertencesse, havia até ameaças de morte. Ninguém podia viver sem praticar sua fé, e toda a aprendizagem em torno das verdades de sua crença devia ser oportunizada, principalmente na escola. Os mais velhos deviam ser ouvidos, pois se esses não fossem respeitados por quem ainda ter-se-ia respeito? Ninguém podia se omitir nas necessidades uns dos outros, e nenhum dos meninos e nenhuma das meninas podia tripudiar da limitação de alguém. A exemplo dos pais, deviam trabalhar com tanta dedicação pelas coisas da comunidade, como se estivessem organizando seu jardim, ou fazendo sua casa. Se alguém, no ardor da juventude, se encantasse, ninguém poderia aceitar que se ficasse no encantamento inconsequente. Devia haver uma responsabilidade, transformada em compromisso no casamento. Se cada um fosse tendo relações ao seu agrado próprio, quem é que cuidaria dos filhos que fossem nascendo ao sabor do prazer de cada um? O tempo bem distribuído era sinal de rendimento, e o zelo por ele não podia ser abandonado. A consciência devia estar sempre atenta e não devia ser prejudicada por muito sono ou muita bebida. Os que bebiam eram apontados como péssimo exemplo de vida. Assim como o tempo devia ser organizado, também os objetos deviam ser organizados e bem dispostos, principalmente para que se economizasse tempo ao precisar deles. Nem a chuva, nem o frio, nem a distância eram tidos como obstáculos na busca do saber. Havia uma exigência, em todas as casas, quanto ao respeito aos animais. Ninguém podia prescindir de ter ânimo especial por tudo aquilo que era tido como seu. Desde as pequenas coisas deviam ser cuidadas com extremo carinho. A

mentira recebia, de todos, um desprezo marcante, e ai dos filhos quando apanhados na infidelidade dos fatos. Para reforçar todos esses preceitos, insistia-se muito para que se tivesse bem decorado os mandamentos de Deus e da Igreja. Na escola, o momento em que Deus entregou a Moisés a táboa, merecia especial atenção.

As transgressões, dificilmente, tinham perdão. Conforme o humor, mas principalmente pelo grau da transgressão, podia haver até uma violenta punição. Que o digam os traseiros das crianças da época. A desatenção, a lassidão, o descompromisso e, por vezes, a própria bondade, podiam se tornar atitudes perigosas.

A falta de calor humano, ou a mesquinhez no seguimento destas normas, fazia com que, por um metro de terra, se criassem inimizades profundas. Lembrança dos hunos, conquistando palmo a palmo, seu espaço, ou seria um instinto parecido com os dos animais que urinam na demarcação do seu lugar? Por mais que o ódio por vezes se soltasse, jamais se admitiria a morte por assassinato. Quem poderá esquecer da tristeza e vergonha que todos sentiam, quando ocorreu uma violenta morte? Foi a sexta-feira santa fora de época!

A gentileza não se dava bem com o árduo trabalho da sobrevivência. Os fracos poucas vezes tinham vantagem. O relacionamento humano acompanhava a simplicidade e a austeridade do dia-a-dia. Havia um forte sentimento humano amarrado, que só em horas de dor era inteiramente solto. Muitas vezes, os meninos se exercitavam na agressão e faziam dela um divertimento.

O menino Gauer, por um desarranjo intestinal, sujou suas calças curtas. Estava sentado sobre um monte de terra,

casa de cupim. Os outros meninos, ao seu redor, riam descontroladamente. Ele, sério e amarelo, apenas olhava o horizonte com tristeza, como se de lá pudesse vir a salvação, ou o vingador que pudesse tirá-lo da situação. Mas apenas as gargalhadas ecoavam no pátio da escola.

Se um menino estivesse duvidando de outro logo um grupo começava a açulá-los. Este dizia que aquele era frouxo, e o grupo apelava para os brios do ofendido, dizendo que o desaforo tinha sido muito grande para ficar assim no mais. Então, aquele afirmava, categoricamente, que frouxo foi sempre, a família do primeiro. O grupo se espantava com a ofensa, dizendo que este estava com medo e, por estas razões, os dois se atracavam em luta, rolando no chão vermelho. Vinha meu pai, orientado pela algazarra, e os colocava de castigo: de joelhos, e do lado das meninas! As agressões passavam dos limites, quando a questão em tela envolvia antigas inimizades familiares.

Como cada criança tinha um bom sistema de defesa, pela fantasia, cada uma, até num beliscão, mordida ou tapa, considerava que sua honra tinha sido lavada, e poucos minutos depois estavam juntos, buscando novas realizações.

Não pequeno sofrimento atingia a todos, quando o produto da terra, a garantia de vida melhor, não valia nem de perto o valor que tinham esperado. As sementes foram plantadas em terra, preparada com sacrifício. A planta cresceu sem a peste e o fruto, depois de tantos obstáculos, foi colhido. Na hora da venda, todos diziam que não tinha valor. O alimento produzido não tinha preço no mercado. Em todos havia um sentimento de impotência. Parecia que alguém, de longe, controlava o que faziam e eles dependiam da sorte que outros

lhes impunham. Outras vezes, ninguém sabia explicar porque, seus produtos tinham boa cotação, para alegria geral. Mas sempre estava presente a impossibilidade de ter em mãos o próprio destino.

3.3 — DAS PEQUENAS ÀS GRANDES ALEGRIAS

Como a dor e o mistério eram companheiros fiéis do pessoal da Divisa, assim também as alegrias e a beleza andavam de mãos dadas com todos eles. Possuíam, além do mais, um sabor especial, pois quem, como eles, convivia naturalmente com as dificuldades, tirava com eficiência tudo o que de bom os momentos de prazer e beleza podiam oferecer. As contradições ensinavam as diferenças entre o que era amargo e doce e estas duas dimensões andavam juntas, equilibradamente.

A natureza era o primeiro elemento a mostrar a face do belo e da alegria aos filhos do lugar. As árvores revelavam uma terra fértil, pois eram fortes e diferenciadas em qualidade. Entre elas, habitava uma enorme variedade de pássaros e outros animais. Sobre as roças, voavam tucanos, periquitos, papagaios, gralhas e muitas outras espécies de maior ou menor porte. Nos anos de 40, já desaparecidos a anta, o veado e o porco do mato, corriam rápidos, à procura de abrigo, tatus, pacas, quatis, cutias e esquilos. Os meninos e meninas desses anos ainda podem ser testemunhas de todos os outros animais

que faziam a alegria selvagem das matas. Nas horas de folga e mesmo durante os minutos de recreio, às vezes, corria-se por entre o mato do Krantz, espantando tudo o que as árvores pudessem ocultar.

Ria-se do susto que o tatu levava e do susto que pregara. A mata, assim sentiam todos os pequenos, se constituía numa provocação, num desafio. Entravam nela todos os meninos, ao mesmo tempo, buscando espantar algum mistério não desvendado. Depois do banho de taquara, cipós e insetos, voltava-se para a escola para brigar com os números, letras, fatos e locais.

Pouca beleza era mais elegante e legítima do que a madrugada deixada à sua própria luz e a seus ruídos. Somente quem já marcou hora com o canto dos galos poderá saber quanto eles são alegres e precisos na indicação do tempo. Primeiro os galos, e logo a seguir a harmonia complexa do canto da passarada. Bem antes do sol levantar-se sobre as bandas de Santa Rosa, o sino era tocado, anunciando que já o tempo estava para o trabalho. Quem o tocava sabia o quanto estava proibido tocá-lo antes do sol nascer. Se alguém, ainda hoje, vir um menino correndo coxilha acima, pode estar certo que está com medo que o sol apanhe o som do sino nos vales. Antes, durante, ou logo após o toque do sino, as chaminés soltavam fumaça, indicando que dentro de cada casa havia fogo e que, logo, todos estariam prontos para as exigências do dia.

Foi num amanhecer destes que apareceu uma araponga, vinda ninguém sabe de onde, talvez para dizer que o lugar, por melhor que fosse, não se constituía em privilégio de ninguém.

Seu canto fez com que se buscasse logo saber que grande pássaro seria aquele que assim cantava. A imaginação

criava uma bigorna voadora, mas foi encontrado um pássaro cinza-branco, do tamanho de um sabiá. Ainda hoje, a memória traz nítida a araponga num galho de grápia, que se estendia sobre a estrada. Ao voltar para casa não faltou quem, severamente chamasse a atenção, pois o compromisso de desnatar o leite estava acima do divertimento de ouvir pássaros estranhos.

Logo após às tarefas primeiras da manhã, a ida à escola chamava como obrigação. Entre a aprendizagem séria e necessária, a vida espreitava despreocupada e convidativa.

A menina Amélia, que vinha das terras do Rolador, tinha uma maneira infinita de olhar. A taboada saía solta e sem sentido, enquanto seu rosto todo dizia segredos de mexer com o corpo inteiro. Quando seus olhos, grandes e lânguidos, acertavam a meninada, sentia-se mais gosto que quando se mordida as amoras que cresciam no pátio do Libo Knebel. A fantasia convertia cada um em galo ou potro, bons representantes de sentimentos indóceis.

Com um pouco de concentração ainda se pode ouvir, com o auxílio da memória, os tucanos de voz rouquenha, anunciando, às dez horas da manhã, a chuva que estava por vir. Decididamente, a natureza, com seus apelos, atrapalhava cantos, contas e tudo urinais que exigia um ritmo lógico e bem posto. Depois das aulas, outros chamados faziam convites irresistíveis. Todos eles, naturalmente, obstaculizados, muitas vezes, pelos deveres de casa ou da roça.

Se o anúncio dos tucanos trouxesse a chuva profetizada, preparava-se a pescaria. O rito tinha uma sequência alegre de atos. Com a terra úmida, as minhocas grandes vinham visitar a superfície. Cavava-se em torno do sinal indicativo para mais

facilmente apanhá-la desprevenida, bastando algumas delas para se ter uma quantia suficiente de iscas. A seguir, preparava-se os anzóis e partia-se para o riacho anteriormente escolhido. Cada vez que a rolha afundava, tinha-se a sensação do velho pescador de Hemingway. Quando se fisgava, sentindo-se a vara trêmula e pesada, era o próprio mistério que se desvendaria, saído da água suja. No entanto, sempre saíam os pequenos médios peixes comuns. Mas nunca se cansava de esperar que o riacho pudesse presentear com algum peixe fora de série. Assim, a pescaria prosseguia até o entardecer, quando a vareta enchia-se de lambaris, carás e jundiás de porte médio. No último poço que se tinha combinado, ainda havia esperanças de que se pudesse ter algumas supresas. A atenção era total. A natureza, então, falava com cuidado especial. A pomba-doce dizia sons suaves e repetitivos, condizentes com a sobriedade das cores das seis horas.

O sabiá fazia dueto no bambuzal, e a serenidade ia de carona com as cores e sons. Se algum jundiá crescido inventasse de gostar da isca, puxando-a para o barranco, puxava-se o caniço com o coração nas mãos. A seguir, partia-se para casa, agradecido com a natureza, e o sino soava nos vales que, naqueles tempos, estavam ainda verdes.

Em outros dias, armavam-se arapucas nos trilhos que se fazia no mato. Antes do anoitecer, com esperanças reforçadas, fazia-se a verificação. Se, à distância, se percebia alguma arapuca caída, os passos tornavam-se mais rápidos e havia quase um descontrole emocional quando se via um nhambu saltando desesperado. Ao retirá-lo, todo cuidado era pouco. Quando pelas pernas era firmado, tinha-se a impressão de se ter

agarrado um pedaço da natureza que palpitava. Ali estava um elogio a um armador de arapucas.

A natureza esnobava vida no início da primavera quando, sobre a Divisa, bem alto, passavam as aves em migração. Ao se perguntar de onde vinham, a resposta tinha apenas o sabor da distância. Deitados de costas, os garotos todos as acompanhavam e a cabeça de todos era invadida de sonhos. A plasticidade do pensamento fazia com que cada um se tornasse mais uma do bando. Se o momento fosse de dor, os meninos tristes aproveitavam para fugir muito além dos vales do lugar. Os alegres, revoavam até cansar e, depois, pousavam nos galhos secos dos angicos. Elas passavam rápidas e não tinham necessidade de sonhar, e nada tinham com os pequenos que eram chamados para cumprir suas tarefas de garotos do interior.

Além das aves, as cigarras graúdas do fim de ano cantavam forte. Mais pareciam as próprias árvores que tomavam voz, dizendo propósitos para o ano que chegava. Era nesta época do ano que mais se apreciava o contato com a água. Os pequenos riachos tomavam as direções, ou do Rio Santo Cristo, ou Boa Vista. Exerciam fascinação sobre a garotada que amava suas águas. Havia, nos banhos que se tomava, um envolvimento maternal. O barulho dos riachos trazia consigo uma provocação para a alegria e a garotada, pulando, jogava água para cima, tendo-se a sensação de se tocar o coração da natureza.

As maiores alegrias estavam reservadas no relacionamento que as pessoas tinham entre si. Na visitaçao que se fazia, principalmente nos dias de chuva, quando a primavera emendava com o verão, havia uma verdadeira

epifania quando se mostrava ao outro as plantas que cresciam nas roças.

A esperança, então, manifestava-se nítida em todos os gestos dos que caminhavam entre o milho e a mandioca. Assim como o artista tem o orgulho de mostrar o que de melhor produziu, também os agricultores mostravam uns para os outros seus chiqueiros bem cuidados, cheios de porcos prontos para a venda. Dali, partiam para a plantação, fazendo com calma o palheiro e degustando o momento da demonstração do resultado de seus esforços. Explicações eram dadas sobre a maneira melhor de plantar e conservar o solo. No início dos anos 50, já tinham algumas noções aperfeiçoadas que, aos poucos, foram sendo passadas adiante. Outras vezes, conversavam sobre as terras do Paraná, podendo-se, então, perceber toda a preocupação que tinham com os filhos, que eram tantos, e as terras tão poucas. Olhavam para ela com carinho, sonhando em possuir outros pedaços tão bons quanto o que pisavam. Tinham confiança que a terra seria generosa e não os abandonaria. Se tivessem que ir embora, nada importaria, pois tinham no sangue o costume do adeus. Já haviam partido da Alemanha em velhos navios, com poucas notícias do destino, já tinham partido das colônias velhas e percebiam que, agora, havia gente sobrando na Divisa. Outras vezes, caminhavam, tecendo os mesmos comentários, tomavam nas mãos os frutos da terra e os mostravam uns para os outros. Seus olhos brilhavam de prazer quando ouviam comentários, tais como aqueles que diziam que sua roça estava invejável, ou que poucas terras estavam tão bem cultivadas como aquelas. Nos inícios de 50, quando repartir mais as terras se tornara impraticável, a falta de espaço e onde procurá-lo tinha a preferência de todos os pais. Sentiam como que coceiras

nos pés e faziam muitas fantasias sobre o Paraná. Entre a plantação, construíram-se sonhos para os filhos.

Nunca se cantou na Divisa, com tanta força e confiança, o hino de louvor "Grosser Gott Wier Loben Dich", como no dia 1.º de janeiro de 1950. As mães louvavam a força de seu Deus e com ele se identificavam. Sabiam que os filhos iriam embora, repetindo a história de seus pais. Ao sair da Igreja, ao entardecer do dia primeiro, sabiam que tinha chegado o tempo da saudade.

Quando, à meia-noite daquele dia, tocava o sino, pipocavam foguetes misturados ao canto dos jovens pelas estradas, muitos deles sabiam que seria a última vez que estariam juntos pelos caminhos desse lugar. Tinham certeza, apenas, que a lua que brilhava acima de suas cabeças brilharia, também, no Paraná.

Neste ano, foi uma caravana, e nela estava meu pai, como professor e interessado. A presença do professor, nestas horas decisivas para a orientação profissional dos filhos, era imprescindível. A comissão iria decidir da conveniência ou não das terras, para os filhos que precisavam de espaço. Na volta, houve muita curiosidade e foram confirmadas as informações anteriores de que as terras tinham fertilidade e de que os negociadores eram honestos.

Já que tinham de partir, que se fizesse logo. O adeus estava carregado de esperança, apesar da dor da partida.

De madrugada, antes que o sino tocasse, partiam as mudanças arranjadas com cuidado sobre o caminhão. Partiam em junho, para começar o preparo da terra para a semente da primavera. Em pouco tempo, as notícias começavam a chegar,

confirmando, mais uma vez, que tudo estava como o esperado, ou ainda melhor.

Passados apenas um ano e meio, os filhos começaram a retornar para celebrar, em novembro, o Kerb e as festas de fim de ano. Duvida-se, até hoje, que pudesse haver na Divisa maior alegria do que a vinda dos filhos, carregados de boas notícias. Cada casa que tivesse alguém para retornar era invadida de tanto ânimo, que percebiam até as pombas nos telhados arrulharem com frêmito de maior paixão. O pátio era varrido, sem queixas, pelos filhos menores. O feno do milharal, para o inverno, era colhido com entusiasmo e, mesmo o suor que escorria até a boca, não tinha o gosto salgado. O peso do trabalho não tinha importância, pois os filhos mais velhos estavam retornando. As mães, ao amassar o pão, faziam uma cruz sobre a massa, pedindo que não faltasse a nenhum deles. Quando eles chegavam, elas o ofereciam, contentes por poder alimentá-los novamente.

Apesar de muitos partirem, a vida continuava nas casas e nos lugares comuns e, em todos os gestos de amor e trabalho, tão bem praticados ali.

A visitação continuava nas noites de inverno e verão, e as notícias do lugar eram transmitidas antes de um jogo de canastra, antes de se partir a melancia, ou se experimentar as uvas*colhidas com orvalho. Às vezes, a visita ia até de madrugada, e se um galo cantasse, dizendo as primeiras horas, brincando perguntava-se se o galo sofria de insônia. Quando os jovens se visitavam, durante a caminhada falava-se muito alto, para espantar algum fantasma, ou ao menos intimidá-lo pela coragem demonstrada. Ao longe, contemplavam-se as luzes de Santa Rosa.

Numa destas visitas, dois grupos de jovens combinaram de se encontrar na encruzilhada, perto da igreja, antes de partirem para a casa que os receberia. O grupo A chegou primeiro e enquanto aguardavam o grupo B, criou uma brincadeira. Quando o grupo esperado esteve a uma distância tal, que mesmo sob a luz da lua não se reconhecesse ninguém, alguém do grupo que esperava, vestido de branco, começou a correr sem direção, como que se assustando de seus próprios passos, e em absoluto silêncio. As mais espontâneas invocações surgiram dentro da noite. O grupo A ficou preocupado quando o pessoal do grupo B começou a descontrolar-se emocionalmente, ouvindo sons sem sentido e, alguém, encomendando sua alma à piedade de Deus. O grupo brincalhão se apresentou e o medo do grupo assustado transformou-se em justa ira. Depois das devidas desculpas, o grupo B perdoou. Quando, porém, alguém do grupo A começava a rir ao se lembrar do acontecido, todos os do grupo B se ofendiam. O controle foi imposto, sob pena de haver agressão ou ruptura de amizade. No entanto, quando se separaram no lugar de encontro, o grupo A começou a rir descontroladamente, e se não riram os fantasmas é porque nunca existiram.

As melhores visitas aconteciam às sextas-feiras, à noite, já que o ritmo da semana estaria sendo quebrado por antecipação. O sábado possuía um sabor especial, uma vez que desde a casa até a escola, passavam por compassos diferentes. Toda a casa exigia dedicação integral, e a roça preocuparia na segunda-feira.

A meninada sabia que, no sábado, seria praticada uma aula diferente. Primeiro, vinham as lições bíblicas,

selecionadas de acordo com os valores fortes que se faziam necessários. Lembram os meninos da época de como os ursos matavam os meninos hebreus que debochavam de seus velhos profetas. De como era preciso lutar no deserto e, apesar de tudo, ter fidelidade ao Deus único e seus mandamentos. A vontade de Deus estava acima dos desejos humanos, mesmo que estes fossem, até, o amor de um pai por seu filho. Dessa forma, aprendia-se como sagrados os princípios que burilavam as vantagens pessoais. Feitas as lições e a cópia de algumas frases essenciais do texto, partia-se para as declamações de versos e declarações de frases. Para culminar com a manhã, vinham os cantos. Era empolgante como os oitenta meninos e meninas soltavam hinos de louvor do gaúcho, do soldado que podia não voltar. Fazia-se o elogio das flores e das estrelas. Não podia faltar o elogio à vida dos jovens, sua força e aventuras.

A programação do sábado e domingo tinha o ritmo de inovação. Depois de uma semana disciplinada, sobrava espaço para a imaginação. Os meninos combinavam suas caçadas de bodoque. Na alegria da meninada, havia o sofrimento da passarada. Infligia-se perdas diárias a todos que voassem. Nas forquilhas dos bodoques, marcava-se o número de pássaros que tinham sido mortos. Nenhum dos meninos sentia culpa por deixar algum pássaro ferido no meio da capoeira, mesmo que houvesse uma proibição explícita de judiá-los. O sangue dos pássaros que caíam, não causava nenhum constrangimento aos garotos acostumados à dureza. Era-lhes tão natural vê-los feridos, como ouvi-los cantar, ou vê-los em seu vôo livre. A morte dos pássaros fazia-se sentir, apenas, quando não eram encontrados, depois de uma pedra certa os atingir. O tico-tico ferido, às vezes, voava desesperado, com pouca pena nas asas, ou com os dedos quebrados por uma pedra contra o galho.

É difícil esquecer o grito de dor de um pequeno animal em sofrimento. Mas não se tinha como importante a análise e reflexão sobre o animal. Devia ser leve a morte dos pássaros à sombra das árvores, sobre as folhas do outono. Sem solenidade, desapareciam. Despediam-se da vida sem medo do inferno ou necessidade do céu. Morriam simplesmente. Não raro, tinha-se inveja da passarada, quando os momentos se apresentavam amargos e melhor seria o aconchego das folhas secas como consolo. Para a sorte da garotada, tinham muito o que fazer, não se davam ao luxo de pensar longamente. Urgia viver, mesmo às custas dos animais.

Difícil se torna indicar todas as alegrias e suas diversas formas de manifestar-se. Não é possível esquecer, porém, alguns momentos mais fugidios e profundos. Quando alguém da família, por necessidade, partisse para o hospital, era porque algo de grave estava ocorrendo. A dor da possível perda começava a se instalar, constante. O respeito um pelo outro aumentava sumamente. Todos torciam para que não se ouvisse o ronco de um caminhão ou para que nenhum cavaleiro se desviasse da estrada em direção à casa cheia de angústia. Quando chegava a noite, todos se recolhiam em silêncio e bem mais cedo, não sem antes, dobrados sobre si mesmos, dizerem suas orações. Durante os dias seguintes, o temor marcava o rosto de todos, pois os remédios contra infecções deixavam o organismo por conta própria e esperava-se sempre o pior. Mas se alguém, vindo de Santo Cristo, trouxesse a boa notícia, dizendo que o doente estava bem e que logo viria para casa, a libertação erguia-se bem alto no rosto e nas palavras ditas efusivamente. Se a natureza tivesse mãos, estas seriam beijadas com gratidão. Ninguém sabia expressar a contento os agradecimentos pelo quanto tinham sido atingidos pela

bondade. Naquele dia, ao menos, nada se fazia com incômodo. Na hora da janta, ao rezar-se, "seja feita vossa vontade", estavam contentes, pois a vontade Dele tinha combinado com a do pessoal da casa.

Em razões de alegria se constituíam muitos momentos de lazer ainda não considerados. O jogo de Schoff Kopf e Runfa de Vix eram os mais praticados. Com algazarra ou concentração, as cartas iam de mão em mão. O pife e o nove, porém, nem sempre traziam as melhores recordações.

Nas retas da estrada, foram feitas algumas boas corridas durante os anos quarenta. Quem pode esquecer os belos cavalos da rapaziada do seu Müller? Nos domingos à tarde, tiravam-se as dúvidas na estrada empoeirada e atavam-se outras carreiras como revanche.

Em 1950, foi introduzida a primeira bola de futebol com câmara de bico e fechada por tentos, sendo que se jogava sem muita compreensão da arte do jogo. Em 1955, formou-se o time, com nome e diretoria, e aos domingos, ainda hoje, ouve-se a torcida gritar "Flamengo".

Alegria legítima também tinha-se no orgulho de possuir um pequeno lugar. Testemunho o que Wallau dizia, citando um antigo morador: "Dos lugares de Santo Ângelo, Santa Rosa o melhor; dos lugares de Santa Rosa, Santo Cristo o primeiro; dos lugares de Santo Cristo, ganha a Divisa de corpo inteiro". Assim, faziam com gosto, digressões elogiosas das qualidades do lugar. De um espaço tão pequeno diziam tudo o que de bom pode-se dizer. Afinal, aí podiam tecer seus dias durante sessenta ou setenta anos, ou mais, sem demasiados sobressaltos para depois, pela esperança, recolherem o sopro cansado para o lugar da fé que alimentavam.

As grandes alegrias tinham momentos determinados. O Kerb, o Nata! e a Páscoa tinham atração para todas as idades. Já havia, na preparação, algo mais a perpassar o comportamento de todos. O tempo era curtido como o chucrute na pipa.

O Kerb

Linha Divisa, por ser o mais próximo dos lugares do antigo lugar chamado Santo Cristo, onde os índios vinham colher erva-mate nas barrancas do rio batizado pelos jesuítas com o mesmo nome, tinha por padroeiros os três mártires: Roque Gonçales, João de Castijos e Afonso Rodrigues. A informação de que os índios coletavam erva-mate às margens desse rio, foi coletada ouvindo-se a tradição oral, transmitida por Jacob Sandri, que afirma serem ricas as margens em ervais e aí vinham os índios colher a erva que era vendida em Buenos Aires, sob orientação dos jesuítas. Conclui-se, por estas informações, que a origem provável do nome Santo Cristo tenha sido de uma redução que servia de acampamento aos

índios que aí trabalhavam e à qual os padres chamaram Santo Cristo.



Figura 11- "Em razões de alegria, se constituíam os muitos momentos de lazer ainda não considerados. O jogo de Schaff Kopf e Runfa de Vix eram os mas praticados"

Os festejos do Kerb começavam algumas semanas antes, quando alguns dos forstandt (o que está na frente), responsáveis pelos cuidados da igreja, ia até Santo Cristo buscar os morteiros (Katzkopf). No sábado que precedia ao domingo da festa, pela tarde, havia os grandes preparativos. Colocava-se a guirlanda na nave da igreja e as flores estavam em toda parte. Fora dela, havia coqueiros médios como enfeite. Ao anoitecer daquele dia, enquanto o sino soltava sons festivos, começavam a estourar os morteiros, indicando que tudo já estava pronto para a festa. Todas as casas estavam limpas e enfeitadas. Havia papéis coloridos que se cruzavam, tanto no teto da sala de visitas como na sala de jantar. A framboeza já estava

preparada para as crianças, e para os adultos a cerveja, que refrescava no fundo do poço. As cucas, bem crescidas e recheadas com frutas, começavam a ser servidas para os parentes que vinham de longe. Trocavam-se informações com todos os parentes, enquanto os pais davam ordens às crianças, sem muita convicção, para que diminuíssem a zorra que faziam.



Figura 12 - "Em 1950, foi introduzida a primeira bola de futebol, com câmara de bico e fechada por tentos, sendo que se jogava sem muita compreensão na arte do jogo".

Na missa, só não tinham roupa nova os três mártires que, com seu olhar de beatitude, olhavam apenas as coisas do céu. Os rapazes, de fatiota nova, estavam elegantes, e as moças suaves e bonitas em seus vestidos novos. Pelo trabalho e suor sabiam que mereciam aquele elogio ao corpo, estando orgulhosos de si mesmos.

Quando o padre dava a bênção final, estouravam os morteiros, o sino balançava, quase dando a volta em si mesmo, a sineta soava em vários tons e o coro, em vozes diferentes, cantava em harmonia: "Salve Roque, Nobre Filho do Glorioso Paraguai". A louvação tomava conta até dos pássaros que

voavam em bando. Os parentes deveriam partir para suas comunidades dizendo que na Divisa se festeja o Kerb (Kircheweihsfest) para se ter saudade daquela festa. Pela frente, todos teriam três dias de descanso, sendo a criação o único cuidado.

À tarde, os músicos com bateria, badonião, sanfona, rebeca, flauta e pistão, subiam numa carroça enfeitada e iam visitar as famílias para comer chouriço com cerveja e apresentar uma mostra do que seria o baile à noite. Afirma-se que pouca coisa podia ser mais bela que uma carroça cheia de sons passando entre as árvores, na primavera. No ano de 42, havia dois salões para se dançar. Pelo entardecer, os dois conjuntos que animariam o baile à noite, tocavam valsas perto da esquina do Braun, disputando quem tocava melhor. A criançada encantada ouvia as peças musicais invejando os adultos que teriam a noite toda para escutar.

Ao iniciar o baile, fazia-se o leilão da garrafa e, quem a tirasse, seria bem falado no dia seguinte. Arrebatá-la em leilão, significava ter ascendência. Era o mesmo que dizer que as colheitas tinham sido fartas e que os porcos engordados tinham rendido tanto que dava para pagar uma garrafa por alto preço.

Outro costume era a dança da vassoura. No meio da música, alguém que ficara sem par batia com a vassoura no chão e todos estavam proibidos de ficar com o mesmo par. Na brincadeira o inconsciente, educadamente, espiava para fora.

Quando vinha a música das damas, as meninas convidavam os rapazes à dança. O moral deles subia vertiginosamente quando eram escolhidos pelas companheiras de quem esperavam a escolha. Mau para aqueles que ficavam sobrando.

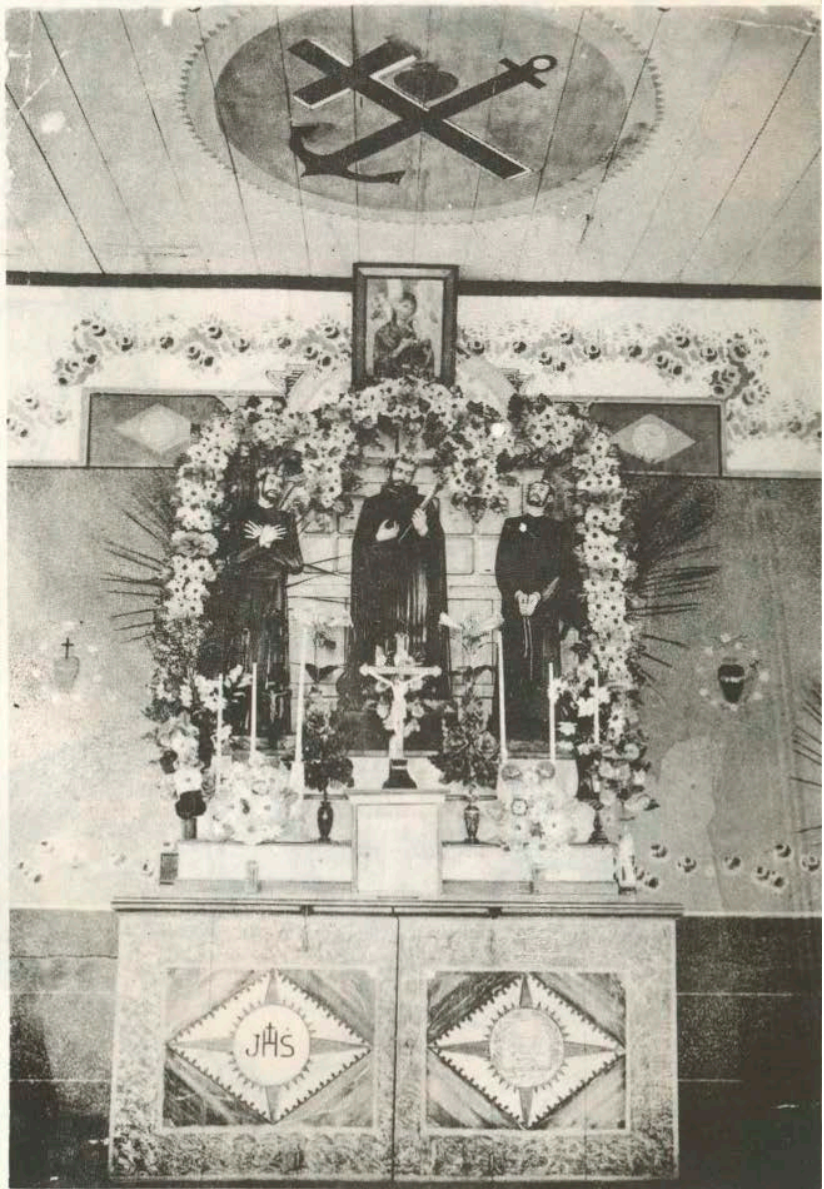


Figura 13 - "Na missa, só não tinham roupa nova os três mártires, que com seu olhar de beatitude, olhavam apenas as coisas do céu".

Pior quando alguém ficava preterido por outro rapaz com o qual havia restrições de amizade. Para alguns, o baile terminava com a música das damas. Não ser preferido de nenhuma garota, doía demais, principalmente no período maior da identidade. Não raro, estava aí um bom motivo para se criar confusão. Não é nada bom ficar à margem, quando se espera que alguém, por um sinal, diga: "eu preciso de você", mesmo que seja para dar algumas voltas no salão. E o que pensar, então, das garotas que ficavam, valsa após marcha, sem ter um rapaz para dizer: "quer dançar comigo?" No segundo dia, quem dizia aos músicos o estilo das músicas eram os casais mais velhos. Sons do baú brincavam no salão. As saudades das colônias velhas morriam aí. Na Divisa, repetiam-se canções trazidas de longe.

Na terceira noite, todos estavam voltando mais cedo. Antes que o sino tocasse, partiam os parentes que ainda restavam, enquanto todos de casa estavam prontos para ver como as roças tinham se comportado nos dias dos três mártires. Nas horas curtas do descanso, colocava-se em dia o noticiário da festa.

CIDADE DE SANTO CRISTO

LINHA ROLADOR

RIO SANTO CRISTO

SANTO CRISTO

LINHA TRÊS LAJEADOS

LINHA ANTAS

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

LINHA D'VIS A SANTA ROSA



Real. P. de S. C. 10/183

O Natal

Em tempo de Natal, além da mata, o milho estava com suas folhas verde-escuras, quando as chuvas se revezavam com o sol. Dizia-se às crianças que o Barbudo passava no milharal, cuidando o comportamento de todas. Os cristãos todos buscavam cuidar de suas casas, bem como de suas consciências. Era um bom tempo para limpeza, para oração e o sacramento. Os costumes tinham que ser retomados, e o homem antigo que se recolhesse para o seu primitivo lugar. O vigário, ou um ajudante, passava em todas as capelas, afinando a consciência, inclusive da criançada maior de 10 anos.

Vinte e quatro de dezembro, ainda cedo, cortava-se um pequeno pinheiro que, transportado para dentro de casa, era ali enfeitado, incluindo o algodão representando a neve, lembrança dos primeiros pinheiros que enfeitavam o presépio dos colonizadores em 1850. Os cantos de Natal já estavam todos ensaiados pelo coro que, desde o Kerb, colocava em ordem a beleza dos sons próprios d[em] festas. À noite, alguns adultos, para não perder o antigo costume, iam a Santo Cristo ouvir a Missa do Galo.

No dia de Natal, iam todos à devoção e as crianças estavam vibrantes com os presentes deixados em casa. Naquele dia, todos tomavam para si a bondade do dia do menino. Colocava-se musgo até na agressão, já que tanto se sabia que um menino estava à disposição, pedindo pelos anjos paz para todos.

As crianças mais apressadas ainda, no dia 25 buscavam os pacotes (peckche) recheados de presentes. Muitos dos

adultos ficavam com saudades, talvez, da criança há muito despedida. Ou seria o sonho de uma solidariedade nunca acontecida? Cada família devia estar reunida em sua casa, como se tivesse chegado alguém muito importante.

O segundo dia de Natal estava mais à disposição da comunidade. Nesse dia, as crianças visitavam seus padrinhos, com segundas intenções. Em bons presentes, constituíam-se aqueles que não representassem doces caseiros. Tinha menino que, na volta, deixava as bolachas polpudas como alimento para as aves do mato.

No dia de Natal até o dia de Reis, não havia necessidade do trabalho ser levado muito a sério, pois o tempo da chegada de Deus devia ter sabor de paraíso. Tinha-se a impressão de que não podia haver outro compromisso que não o da contemplação da bondade de Deus, entre alamedas que não precisariam ser cortadas. Ao contrário, o ambiente era garantido pelas sábias regras da natureza.

Depois do dia 6 de janeiro, a visitação e a preguiça tinham pouca chance. Começava-se a viver uma vida que estava mais para filho de homem, tendo o árduo ofício de tirar o sustento da terra.

A Páscoa

No outono, quando a natureza começava seus preparativos para o inverno, percebia-se no ar que estava por chegar a Páscoa. Tinha chegado o tempo de cinzas, de

arrependimento, de jejum e penitência, tudo dando a impressão que Deus estivesse de mal com o pessoal. O milho estava pardacento e dobrado. As folhas amarelavam e caíam em silêncio, mas acima de tudo, tinha-se estórias de coelhos com ovos coloridos e o Domingo da Ressureição para esperar. Na roça, só restava de verde a melancia de porco. Escolhia-se uma delas, na qual espetava-se palitos para pendurar os ovos recém pintados. Não era nada mau sentar-se numa cadeira contemplando os ovos pintados, e sonhar com coelhos e cogumelos. O outono, como que pedindo desculpas pelo inverno que vinha, oferecia a Páscoa.

Pesados eram os sermões e, por melhor que fosse o cristão, não tinha folga nenhuma. Por que o valor da virtude precisava de gritaria para ser argumentado?

No domingo da paixão, o sino parava de tocar e não se podia mais fazer barulho. Todos deveriam saber que o Senhor merecia um pouco de respeito na lembrança de seu sofrimento. A sobriedade entrava sem licença em toda parte. Quando chegava a sexta-feira, havia um abatimento geral, estando o silêncio carregado de dor. Mesmo o canto dos galos carregava tristeza, uma vez que lembrava a vergonha e o medo de Pedro. Nas celebrações,

Isaiás se tornava uma leitura importante: "Maltratado, ele se humilhava e não abria a boca; como ovelha muda diante dos tosquiadores, não abria a boca. Foi eliminado, vítima de um processo injusto; e quem se preocupa com sua morte? . . . Depois de ter suportado horríveis sofrimentos, verá a luz e ficará satisfeito."

Com as leituras, tristemente concordavam e muito se identificavam. As leituras não se constituíam em novidade, pois de sofrimento também entendiam.

Bom mesmo surgia o sábado, por três razões: a primeira, porque a sexta já passara; a segunda, estava ligada aos presentes que se esperava para o dia seguinte; a terceira razão era porque o primeiro homem sairia vivo da selvageria e morte. Havia, em todos, a esperança, pois havia possibilidade de um destino melhor do que aquele reservado aos gatos e aquele dos juncos dos banhados. Quando chegava o domingo, a fé no Deus que ficara de pé novamente era tanta, que invadia o rosto dos mais velhos, já que tinham chance de serem elevados acima de seus ossos secos. À Divisa, já bem cedo, era devolvido o som do sino.

Às crianças importavam os coelhos de chocolate, os ovos de açúcar cristalizado, os pintados e recheados com amendoim, cumprindo-se, assim, a veracidade de seus sonhos. Todos iam para a igreja louvar o homem que, quando ninguém mais esperava, botara a correr uma porção de soldados que guardavam a pedra.

Os rapazes e moças também estavam contentes, pois afinal, foram quarenta dias e quarenta noites sem um abraço no salão. Tinham posto, também, os impulsos de molho mas valera a pena, pois diziam que não só de pão viviam. E, além do mais, teriam o ano pela frente para ouvir o som da gaita e sentir na dança a atração dos opostos.

3.4 — DE ALGUNS GAROTOS QUE PARTIAM COM MISSÃO ESPECIAL

Como o clima e a terra oferecem condições a que as sementes tenham uma boa oportunidade de se multiplicarem, assim também todos os estímulos da pequena comunidade incitavam alguns garotos a desenvolverem uma experiência de multiplicar a vida de Deus ainda mais.

De Deus se falava com tanta naturalidade e entusiasmo, que era comum alguns garotos tomarem a si a responsabilidade de fazer Dele uma proposta de vida. Da mesma forma que as plantas e a criação formavam uma alternativa para se projetar a vida, também o convite ao seminário se constituía num possível projeto.

Alguns garotos, com maior sensibilidade para os estímulos de elevação do espírito, para o cuidado das virtudes da inteligência, da bondade, do gosto das propostas de Cristo, da contemplação e perseguição da perfeição, sentiam-se inspirados a deixar as tarefas da vida que ai se apresentavam. As celebrações, tanto da Palavra como dos acontecimentos da vida de Cristo, apresentavam certo fascínio sobre esses meninos. Eles também tendiam a ultrapassar a dor e o mistério que andavam de mãos dadas. Sair dos limites em busca de uma aventura contada como boa, atraía como força pessoal. Ao primeiro sinal que algum garoto apresentasse, como tendência ao chamamento das idéias cultivadas sobre o espírito e seus mistérios, os pais se entusiasmavam e a comunidade o apontava como um menino especial. Os únicos sonhos de vida, que fugissem aos limites do cultivo da terra, podiam ser

viabilizados na busca de um seminário que prometia, como meta final, o sacerdócio, ou senão, apenas o encontro da sabedoria e sua prática, buscando ser irmão marista ou lassalista. As promessas, a admiração e a própria aventura, constituíam-se em boas razões para que alguns dissessem adeus à Linha Divisa.

Os meninos menores ouviam elogios sem fim àqueles que já haviam partido. O prestígio daqueles que permaneciam no seminário estava sempre em alta. Quando algum deles voltava de férias, todos gostavam de recebê-lo em suas casas, ao passo que os outros não recebiam nenhuma atenção especial. Não tinham sido tocados pelo carinho especial de Deus. Afinal, tinham nascido para o dia-a-dia e suas coisas comuns.

Alguns, entre os que partiam, tinham a consciência tão apurada que a única maneira de mantê-la limpa era sair das tentações que brincavam com os impulsos.

Não há que negar que a dureza da vida do lugar fazia com que alguns, na carona de elevadas intenções, partissem para fugir do suor e dos sacrifícios, buscando alternativas menos exigentes, ou menos comuns.

Acima de tudo, estava a preocupação em acalantar um ideal que representava a esperança, a fé de toda a comunidade e o plano de Deus para todos. Quando chegava o final de fevereiro, os pequenos partiam sem perguntar se suportariam as implicações da decisão.

Dou testemunho do rompimento com o lugar em nome das razões acima expostas. No dia 23 de fevereiro de 1954, à noite, Jacob Breier, acompanhado de seu filho João, veio ajudar a carregar a mala e o saco de viagem, para assim ficar mais

perto do estradão. Meu pai, quando os três estavam a 50 metros, sob a luz da lua, falou: ",Meu filho, estude, para que seja alguém na vida". O silêncio de minha mãe falava, porém, mais alto. No dia 24 de fevereiro, às 8 horas, o ônibus branco do Philipsen estava carregando, em direção a Santa Rosa, uma porção de garotos rumo ao mesmo destino: o seminário de Santo Ângelo. Na verdade, as nuvens pretas que, naquele dia, escondiam o sol, mal representavam a ausência do pequeno lugar para muitos deles. O entardecer daquele dia foi implacável. Todas as horas estavam marcadas para compromissos nunca imaginados. Mesmo a simples refeição tinha surpresas, como o momento em que, repentinamente, todos diziam: "Deo Gratias!" E sem cerimônias, todos estavam de pé. Para quem estava acostumado a dizer rápidas orações, com exceção das de domingo, tanta oração assustava. Ainda naquela noite, a dor da saudade começou a dizer seus segredos amargos. Quando o pequeno sino tocou e o sineiro rezou alto "Misere Mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam", todos emendaram alto todo o salmo penitencial e caminhavam em fila rumo à capela. Foi aí que não deu mais para aguentar a saudade da espontaneidade de uma pequena casa. As lágrimas vieram sem licença. Na hora em que, na capela, se fez mais forte o "Salve Regina", com aqueles sons gregorianos, foi possível sentir a dor do rompimento. Passavam, um a um, todos os irmãos e irmãs e suas imagens familiares desapareciam. Na vez do pai e da mãe, o choro era convulsivo. Ainda bem que os mais velhos faziam questão de mostrar para os novatos como sabiam cantar forte, numa língua em que nada entendiam. Podia, assim, ocultar os soluços fortes entre "spes nostra, salve", ou entre "a te clamamus". Até a lembrança do cusco familiar, que rengueava pelo motivo de lhe ter caído uma

gamela nas cadeiras, anos atrás, metia saudades. Tudo o que lembrava o pequeno lugar doía por demais. Quando vinha a questão de ter em mente que somente em dezembro poderia estar com tudo o que amava, o pe. reitor já estava dando a bênção e começava, então, o grande silêncio. Assim, foram três dias, até que alguns laços se fizeram com as coxilhas de Santo Ângelo, mas perguntava em que direção ficava Santo Cristo.

Afinal tinha um destino a cumprir, e que empurrava mais forte que a saudade de Linha Divisa.

BIBLIOGRAFIA

1 — CALMON, Pedro. **História do Brasil**. São Paulo, Editora Nacional, 1974, v. VI.

2 — DUTRA, Eduardo, Relatório de Dr. João Daniel Hillebrand. **Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 336 — 439, 1934.

3 — HUNSCHE, Carlos H. **O Biênio 1924/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul: Província de São Pedro**. Porto Alegre, Ed. A Nação, 1975.

4 — LANDO, Aldair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. **A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica**. Porto Alegre, Editora Movimento DAC/SEC, 1976.

5 — MULHALL, Michael G. **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs**. Porto Alegre, Editora Bels/Instituto Estadual do Livro, 1974.

6 — PORTO, Aurélio. **O Trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo, 1969, v. I — II.

7 — RAMBO, Ba/duino Pe. **Enciclopédia Rio-Grandense: a imigração alemã**. Canoas, Editora Regional, s.d. v. I, p. 77 - 123.

8 — ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo, 1969, v. I — II.

9 — SCHALLENBERGER, Erneldo & HARTMANN, Hélio R. **Nova terra, novos rumos**. Santa Rosa, Barcelos Livreiro e Editor, 1981.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

A Universidade de Passo Fundo busca cada vez mais o seu compromisso regional, sendo esta publicação um testemunho desta intenção. A análise do perfil psicológico dos pioneiros da Colônia Boa Vista (Santo Cristo) revelado nos costumes, valores e atitudes dos moradores de Linha Divisa vem contribuir com o entendimento de nosso inconsciente histórico e cultural, criando-se assim uma consciência mais clara do fenômeno humano da região.

Não será assim que se faz a libertação?

Olhar honestamente o passado não será uma contribuição com a verdadeira autonomia que tanto se sonha?



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Projeto
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



9

788583

263166